



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

TATIANA MARTINS OLIVEIRA DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA: REPRESENTAÇÕES
SOBRE O RACISMO EM INTERAÇÕES VIRTUAIS EM BLOGS**

ACARAPE

2021

TATIANA MARTINS OLIVEIRA DA SILVA

ESTRATÉGIAS DE (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA: REPRESENTAÇÕES SOBRE O
RACISMO EM INTERAÇÕES VIRTUAIS EM BLOGS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), para a etapa de Defesa, requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Maria Leidiane Tavares

Linha de pesquisa: Linguagem: Práticas textuais-discursivas.

ACARAPE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Tatiana Martins Oliveira da.

S578e

Estratégias de impolidez linguística: representações sobre o racismo em interações virtuais em blogs / Tatiana Martins Oliveira da Silva. - Redenção, 2021.

102f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Pofa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas.

1. Linguística. 2. Racismo. 3. Blogs. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 410

TATIANA MARTINS OLIVEIRA DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA: REPRESENTAÇÕES
SOBRE O RACISMO EM INTERAÇÕES VIRTUAIS EM BLOGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), para a etapa de Qualificação, requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

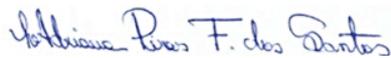
Acarape, 06 de Agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA



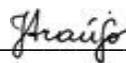
Maria Leidiane Freitas Tavares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira



Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos

Universidade Estadual do Ceará



Júlio César Rosa de Araújo

Universidade Federal do Ceará

DEDICATÓRIA

À minha querida esposa Amanda. Companheira de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha querida esposa Amanda por estar sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins. Sem ela nada disso seria possível. Agradeço imensamente ao meu querido amigo e irmão João Batista, que me deu forças até mesmo quando eu nem sabia que as tinha. Obrigada por ser mais que um amigo na minha vida.

Agradeço à minha incrível orientadora Professora Doutora Maria Leidiane Tavares Freitas, que com muita paciência e dedicação guiou este trabalho e a mim de forma magnífica. Obrigada por me orientar, acreditar e incentivar meu projeto. O seu olhar e suas observações fizeram toda a diferença nessa pesquisa.

Agradeço imensamente à professora Geórgia e aos meus queridos colegas do GEPPIL-UNILAB. Com esse grupo de pesquisa ao meu lado, essa dissertação saiu do mundo das ideias.

Agradeço imensamente à professora Doutora Letícia Adriana e ao professor Doutor Júlio Araújo, pela participação em minha banca e pela grande contribuição que suas considerações trouxeram.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UNILAB, PPGLIN. Obrigada por compartilharem conhecimento e experiência. Vocês também contribuíram para essa conquista. Agradeço a todos os meus amigos e amigas que fizeram parte dessa jornada. Obrigada pelas conversas, pelo compartilhar de angústias e experiências. Alguns em especial: Jainy, Kelli, Munirah, Alisson, Jeremias, que, além da troca de ideias, aceitaram também meus choros e dramas em sala de aula.

Enfim, agradeço a todos e a todas que torceram por mim, que contribuíram diretamente ou indiretamente para que esse trabalho se realizasse.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar as estratégias de (im)polidez que se mostram nas representações discursivas sobre o racismo em interações virtuais presentes em blogs. Estabelecemos, para alcançar tal intento, como objetivos específicos: a) caracterizar como as representações do racismo aparecem em interações virtuais nos blogs; b) descrever as estratégias de (im)polidez com representações racistas em interações virtuais e c) descrever a construção da face dos indivíduos ao utilizarem estratégias de (im) polidez linguística com representações do racismo em interações virtuais nos blogs. O arcabouço teórico-metodológico para analisar essas estratégias de (im)polidez utilizou-se de dois eixos teóricos combinados. O primeiro trata-se da teoria da (im)polidez linguística com base nos estudos de Brown e Levinson (1987), Leech (1983) e Goffman (2012). O segundo eixo, trata-se da teoria das representações do racismo na linguagem com Kabengele Munanga (1999), Teun A. Van Dijk (2017) e Frantz Fanon (2008). Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório. A metodologia consistiu na análise de quatro postagens realizadas nos blogs *Senso Incomum* e *Voltemos à Direita* (duas postagens de cada), para uma comparação de dados entre ambas. Os critérios de análise levam em conta a verbalização do enunciado, a meta comunicacional, os comentários dos usuários dos blogs, público-alvo e elementos extralinguísticos como imagens, gráficos e símbolos. Os resultados demonstram que, apesar da moral e dos bons costumes que assumem as postagens impolidas, através das quais explicitamente ocorrem exposições de faces, que os atos de fala proferidos instauram ofensas contra pessoas negras, fazendo surgir conflitos nas interações por meio de atos de fala polidos e impolidos, proferidos por homens e mulheres, interagentes dos blogs investigados. Tais ofensas constituem e são constituídas em modos de naturalização de representações racistas e colonizadoras de populações afrodescendentes, as quais reafirmam modos hegemônicos de ser “branco” e “negro”.

Palavras-chave: Estratégias de (Im)polidez Linguística; Representações do Racismo; Blogs.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the (im)polite strategies that are shown in the discursive representations about racism in virtual interactions present in blogs. In order to achieve this intent, we established the following specific objectives: a) to characterize how representations of racism appear in virtual interactions on blogs; b) describe the strategies of (im)politeness with racist representations in virtual interactions and c) describe the construction of the face of individuals when using strategies of (im)politeness with linguistic representations of racism in virtual interactions on blogs. The theoretical-methodological framework to analyze these (im)polite strategies used two combined theoretical axes. The first is the theory of linguistic (im) politeness based on studies by Brown and Levinson (1987), Leech (1983) and Goffman (2012). The second axis is the theory of representations of racism in language with Kabengele Munanga (1999), Teun A. Van Dijk (2017) and Frantz Fanon (2008). This research has a descriptive and exploratory qualitative approach. The methodology consisted of the analysis of four posts made on the blogs *Senso Incomum* and *Back to the Right* (two posts each), for a comparison of data between them. The analysis criteria take into account the verbalization of the utterance, the communicational goal, comments from blog users, target audience and extra linguistic elements such as images, graphics and symbols. The results demonstrate that, despite the morals and good customs that impolite posts assume, through which face exposures are explicitly made, that the speech acts instigate offenses against black people, causing conflicts to arise in interactions through speech acts polished and impolite, spoken by men and women, interactantes of the investigated blogs. Such offenses constitute and are constituted in modes of naturalization of racist and colonizing representations of Afro-descendant populations, which reaffirm hegemonic ways of being “white” and “black”.

Key-words: Linguistic (Im) politeness strategies; Representations of Racism; Blogs.

LISTA DE QUADROS

	Páginas
Quadro 1 – Máximas de Leech (1983).....	24
Quadro 2 - Regras de polidez de Leech (1983).....	28
Quadro 3 - Estratégias de Polidez Positiva e Negativa de Brown e Levinson (1987) ..	47
Quadro 4 - Estratégias de (im)polidez de Culpeper	52
Quadro 5 - Estratégias de (Im) polidez Associadas: Racismo e (im) polidez.....	67
Quadro 6 - Ato Impolido e sua representação do racismo.....	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os dois lados da cor.....	27
Figura 2 – Cortesia/polidez positiva de Brown e Levinson.....	34
Figura 3 - Cortesia/polidez negativa de Brown e Levinson.....	34
Figura - Caracterização dos atos de Ameaça a Face (FTA).....	36
Figura 5 - Comentário no portal de notícias UOL sobre Magalu oferecer vagas de emprego com cotas para negros.....	39
Figura 6 – Descrição do blog Volttemos a Direita.....	63
Figura 7 – Descrição do Blog Senso Imcomum.....	64

SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO	12
1. REFERENCIAL TEÓRICO	20
1.1 Racismo como um tipo de descortesia	21
1.2 Descortesia na linguagem e suas interfaces no entendimento da ofensa racial	23
1.3 Polidez positiva e polidez negativa de Leech	26
1.4 A grande estratégia de polidez (GSP) de Leech	28
1.5 Goffman e a Face do Indivíduo	30
1.6 Brown e Levinson e a Polidez Linguística	33
1.7 As representações sociais e discursivas do Racismo: Identidade Deteriorada	37
1.8 Representações sobre o racismo na América Latina	42
1.9 Estratégia de negação do Racismo de Teun A. Van Dijk	46
1.10 Polidez linguística, colonialismo e racismo na sociedade brasileira	54
1.11 Interações Virtuais nos blogs	55
2. METODOLOGIA	57
2.1 Contribuições Teóricas para o método desta Pesquisa	60
2.2 Campo de pesquisa e procedimentos de coleta de dados	61
2.3 Voltemos à Direita	62
2.4 Senso Incomum	63
2.5 A parte Comercial dos Blogs <i>Voltemos à direita e Senso Incomum</i>	64
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	65
3.1 Comparando os Blogs	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

Todos os sujeitos em algum momento da vida desejam ser aprovados socialmente por seus pares. Buscar a aceitação e aprovação em determinado grupo ou classe é um desejo advindo do processo de socialização dos sujeitos. Como dizia Karl Marx, “o homem é um ser social” (MARX, 1985, p. 43). Para isso, ser cortês torna-se crucial. É através da cortesia que mostramos gentileza aos nossos pares. Todavia, nem sempre utilizamos a cortesia como sinônimo de gentileza. Quando somos descorteses, às vezes o somos como tentativa de minimizar o conflito, contorná-lo ou mesmo atender à necessidade de terceiros em relação a situação de conflito.

No campo da Linguística, o conflito já foi estudado em diversas áreas. Todavia, o que interessa para esta pesquisa são os estudos da (des)cortesia na linguagem. Cabe ressaltar que (im) polidez e (des) cortesia são sinônimos muitas vezes utilizados por teóricos da área para se referir a este ramo da linguística. Um dos principais temas de interesse da pragmática Linguística é a (im)polidez linguística. Essa área se preocupa com questões que envolvem como as pessoas se relacionam entre si, as regras que regem os comportamentos das pessoas, a correspondência de seus atos de fala a suas ações e questões semelhantes.

Ao invés de fazer um movimento retórico resgatando a história da Linguística, empreendemos aqui uma breve exposição da história dos estudos da descortesia, justificando por que escolhemos esse ramo dos estudos na área da Pragmática para analisar o fenômeno do racismo na linguagem em interações da web. A primeira questão ao qual nos debruçamos é sobre a compreensão de que estratégias de cortesia não se trata de um manual ou guia de boas maneiras. Ao contrário, aqui trataremos a (des) cortesia como ritual, o qual rege a interação dos participantes levando-se em conta que o princípio da harmonia na comunicação mesmo que não alcançado, é algo moralmente almejado como valor social respeitável e desejável na comunidade humana de um modo geral.

Brown e Levinson (1987) afirmam que a comunicação humana é entendida como um ritual com começo-meio-fim. Apesar de estudarem o fenômeno da descortesia na linguagem em várias línguas, eles levaram em conta, em suas análises, um modelo de pessoa ideal, cujo objetivo era satisfazer suas metas comunicacionais/sociais. Esse

modelo de pessoa seria um adulto, saudável e racional. Estariam excluídos desse modelo, crianças e pessoas com problemas cognitivos/comunicacionais. Além disso, eles consideraram somente a interação face a face deixando de lado outros modos de interação não simultânea como a carta, a chamada de voz, etc. Lembramos, claro, que esse tipo de questionamento não poderia passar pela mente dos autores da época, visto que esses meios de comunicação, sem ser a interação face a face, não existiam. Todavia, diversos linguistas mostraram que é possível estudar (im)polidez linguística em outros meios não presenciais como Martins (2013), Paiva (2008) e Moreira (2016). Esses autores, cujas pesquisas foram situadas no estado do Ceará, analisaram a polidez sob uma perspectiva não face a face ressaltando a sua importância e levando a frente a ideia de que a ofensa (descortesia) começa na linguagem e se concretiza na vida real confirmando a literalidade da teoria de Austin (1975) sobre os “atos de fala”.

Esta pesquisa está inserida na esfera das pesquisas da pragmática que se situa no ramo da descortesia não face a face ao estudar o fenômeno da descortesia na linguagem através dos blogs e discutindo os princípios de Brown e Levinson (1987) ao propor um modelo de pessoa que não seja ideal, incluindo a categoria criança e pessoas com problemas cognitivos. Assim, essa pesquisa repensa o conceito de polidez de maneira mais global, fora do eixo pensado pelos teóricos originais como Brown e Levinson (1987) Austin (1975) e Goffman (2012) repensando suas teorias sem abandoná-las.

O intuito dessa pesquisa é fazer uma análise de como as estratégias de (im)polidez linguística circunscrevem as representações racistas em interações virtuais nos blogs. Com isso, pretendemos mostrar através de quais mecanismos de (des)cortesia os usuários dos blogs *Voltemos à direita* e *Senso incomum* conseguem utilizar atos de fala com teor racista usando as representações sobre a representação ao diminuir o potencial ofensivo de seus posts, tornando-os algo polido e aceitável nos termos da comunidade de usuários dos blogs. Para isso, pretendemos mostrar todas as características dessas representações racistas e caracterizar o modo como elas aparecem nos ambientes virtuais dos blogs. Além disso, descreveremos as estratégias empregadas pelos indivíduos com essas representações do racismo. Por fim, descreveremos a construção da face dos indivíduos nessas postagens.

Partimos da suposição de que o tom de “resgate da moral e dos bons costumes” são usados pelos produtores dos blogs como forma de naturalizar representações racistas

e que a teoria da polidez linguística e o estudo das representações do racismo e seus mecanismos na linguagem se articulam mostrando como as estratégias de (im) polidez linguística usadas apresentam representações racistas para diminuir o carácter ofensivo de suas postagens.

Adentrado o espaço ao qual essa pesquisa irá ser realizada, temos o gênero textual *postagem de blog* (BARBOSA et al., 2009). O blog é um mídiun (MAINGUENAU, 2006) característico do meio digital que serve como meio de comunicação virtual, tal qual o e-mail. Entretanto, o e-mail a partir dos anos 2000, se aproxima mais da carta pessoal e do bilhete, enquanto os blogs da mesma época, dos diários pessoais. Tanto o blog como o e-mail podem ser considerados gêneros textuais (BARBOSA, 2012).

Ao longo do tempo, os formatos e a escrita dos blogs foram mudando. Passaram de meros diários pessoais para tutoriais, propagandas, páginas de receitas culinárias e até blogs empregatícios. Os blogs são páginas na internet (web) em que os blogueiros (autores do blog) divulgam informações, sejam pessoais ou sobre outros temas. Sendo assim, eles são importantes ferramentas de interação na modernidade. Mais recentemente, a partir de 2010, os blogs saíram de meras páginas nas redes sociais em formato de diários pessoais e foram para o campo empresarial e político assumindo um importante papel de influenciador da opinião pública. Além disso, os blogs são veículos de manifestações textuais mais estáveis do que redes sociais da web, como Facebook e Twitter.

As justificativas teórico-metodológicas para a escolha do tema desta pesquisa passam, então, pelo debate e importância de se estudar as relações raciais nos meios da web e dentro da linguística e claro, a importância do blog enquanto veículo de mídia. Mostraremos como as estratégias de (im) polidez através das representações do racismo adentram os espaços dos blogs, tornando falas com alto teor racista em atos de fala aceitáveis e justificáveis socialmente, apelando para os valores tradicionais de direita que envolvem a “moral e os bons costumes”. Explicaremos adiante nosso quadro metodológico expondo quais são nossos critérios de análise para a escolha das postagens e apontando como a abordagem qualitativa e o método hipotético-dedutivo podem auxiliar dentro da área da pragmática e dos estudos do racismo, para uma análise social e linguística das postagens em que se verifiquem os recursos linguísticos que afirmam o racismo velado à brasileira, muitas vezes despercebido em vocabulários de blogs.

Para isso, optamos por mostrar uma breve contextualização do surgimento do blog e qual o perfil dos usuários que usam o blog *voltemos à direita e senso comum*. Adentrando em sua etimologia, o blog veio do termo *weblog* que foi criado por Jorn Barger em 17 de dezembro de 1997. A abreviação *blog*, por sua vez, foi criada por Peter Merholz, que, de brincadeira, desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* ("*nós blogamos*") na barra lateral de seu blog Peterme.com, em abril ou maio de 1999. Pouco depois, Evan Williams do Pyra Labs usou *blog* tanto como substantivo quanto verbo (to blog ou *blogar*, significando "editar ou postar em um weblog"), aplicando a palavra *blogger* em conjunção com o serviço Blogger, da Pyra Labs, o que levou à popularização dos termos. O blog atual é uma evolução dos diários online que eram muito populares nos anos 2000, onde pessoas mantinham informações constantes sobre suas vidas pessoais. Estes primeiros blogs eram simplesmente componentes de sites, atualizados manualmente no próprio código da página. A evolução das ferramentas que facilitavam a produção e manutenção de artigos postados em ordem cronológica, facilitaram o processo de publicação, ajudando em muito na popularização do formato. Isso levou ao aperfeiçoamento de ferramentas e hospedagem próprias para blogs.

Os blogs são importantes nessa pesquisa porque eles são o campo de atuação ao qual escolhemos estudar as representações do racismo, mas especificamente o racismo dentro dos estudos da polidez e impolidez linguística. Primeiro, porque a união dessas duas vertentes teóricas nunca foi abordada até o presente momento dentro do campo da Linguística e mais especificamente, dentro da Pragmática. No banco quantitativo realizado em maio de 2021, não foi encontrado nenhuma pesquisa com esse objeto de estudo, tampouco a união dessas áreas. As plataformas analisadas foram o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e o Google Acadêmico¹. Segundo, porque promover a igualdade racial é uma das pautas sociais mais insurgentes na sociedade contemporânea brasileira e na Linguística Aplicada. Além disso, a promoção da igualdade racial é uma das principais pautas do projeto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), sendo esta formulada desde a sua origem com o objetivo de promover a integração entre os países da lusofonia, principalmente africanos,

¹ Para conferir esse levantamento quantitativo acesse: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses#!/> e https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=racismo+e+polidez+&btnG=. Pesquisa realizada em Maio de 2021.

promovendo justiça social e igualdade de direitos na pesquisa, no ensino e na extensão².

Esta dissertação, justifica-se empiricamente desse modo, a partir da nossa intenção em contribuir com as discussões acerca das relações raciais nas interações virtuais, pois acreditamos que os critérios que os atores sociais usam ao escolherem serem polidos, serem diretos, ou impolidos, trazem uma relação direta com os mecanismos de poder, de intimidade e dos fenômenos ideológicos que circunscrevem suas práticas discursivas (BROWN; LEVINSON, 1987; THOMPSON, 2011). Esta pesquisa justifica-se teoricamente também ao rediscutir os princípios de Brown e Levinson (1987) incluindo a categoria criança e pessoas com deficiência. Além desses aspectos, a raça (HIRATA, 2014) pode ser um elemento importante na escolha linguística deste falante e de quais enunciados podem ou não serem racistas de acordo com o ambiente interacional de fala e de quais recursos semióticos a postagem nos blogs está apresentando. O desenvolvimento desta pesquisa também poderá contribuir para ampliar as pesquisas realizadas com textos na web, sobretudo com blogs. Essa pesquisa também promove o combate ao racismo na linguagem ao revelar quais estratégias seriam usadas para diminuir o potencial ofensivo de falas racistas, desvelando os seus mecanismos de perpetuação.

Adentrando nos espaços das pesquisas que tratam do tema da polidez e/ou do racismo, mostramos três pesquisas que serão nosso estado da arte, para a qual temos a única intenção de mostrar a contribuição e a continuidade científica que esta dissertação tem em relação a estas três pesquisas, mostrando de qual ponto partimos cientificamente na construção deste objeto de pesquisa. Dentre as pesquisas recentes que trataram da polidez no circuito da América Latina a qual esta pesquisa está inserida, temos a prof. Adriana Regina Dantas Martins em sua dissertação de mestrado intitulada “A violência linguística virtual contra a mulher: ideologia e estratégias de (im) polidez em blogs” apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, que propõe romper com um suposto modelo pragmático universal ao estudar as ideologias operacionalizadas em atos de fala impolidos, que demonstram a violência de gênero contra as mulheres através do humor. O movimento retórico de Martins (2013) ou o seu percurso de pesquisa, consistiu em analisar cinco estratégias (im)polidas baseadas em Brown e Levinson (1987) e em Leech (1983) usando os modos

² Esse objetivo consta no estatuto da UNILAB sancionado e aprovado em dezembro de 2020.

de operação da ideologia de Thompson (2011) – repensando sua teoria para o contexto da web – para evidenciar a violência contra a mulher através de estratégias (im)polidas. Tal estudo nos inspirou a pensar metodologicamente a relação entre raça e linguagem, dado que esta relação também diz respeito a grupos socialmente marginalizados ao longo da história. Esta pesquisa pretende, portanto, contribuir para o preenchimento desta que consideramos um espaço para ser abordado e ampliado os estudos da polidez linguística e das representações sobre o racismo, abordando as estratégias (im)polidas dentro das relações raciais.

Já Reginaldo Gurgel Moreira (2016) estudou em sua dissertação como através da nova pragmática poderia analisar/problematizar a (des)cortesia na linguagem em atos performativos de fala em publicidades brasileiras, através de mecanismos de intencionalidade e da responsabilização por tais atos, novamente nesta pesquisa temos o eixo polidez sendo utilizado sem a raça ou a sua representação, ao qual nos inspiramos para a criação do objeto de pesquisa desta dissertação. A pesquisa de Dagoberto José Fonseca, defendida na PUC/SP (1994), usou o eixo dos estudos das relações raciais na linguagem, estudando como o riso é transformado em um mecanismo de segregação racial além de ser um discurso informal que fomenta preconceitos, estereótipos e discriminações. Nessa pesquisa, observamos que, apesar da temática ser o racismo na linguagem utilizando os estudos da Análise do Discurso (AD), a (des) cortesia não é utilizada, tornando possível a continuidade da temática nesta dissertação. Nesta pesquisa evidencia-se como o discurso racista produzido na perspectiva do branco seleciona formas e recursos linguísticos com o mesmo efeito: segregação racial. Apesar disso, portanto, desse corpo de pesquisas que tematizam a união temática dos estudos sobre o racismo na linguagem – e, em menor medida, os estudos da (des) cortesia – ainda consideramos que tal discussão merece ainda mais atenção e mais estofo.

Desse modo, para podermos entender essas estratégias (im) polidas com cunho racista, dividimos a teoria que baseia nossos estudos em dois eixos: o que compreende os estudos da (im) polidez linguística com Goffman (2012) e a sua teoria sobre a interação, os postulados de Brown e Levinson (1987), sobretudo no Ato Ameaçador de Face e Leech (1983) com a grande estratégia de polidez (GSP)³. O outro eixo que compreende os estudos das representações do racismo em que nos baseamos na teoria da

³Sigla em inglês.

branquitude versus negritude de Frantz Fanon (2008), os estudos da mestiçagem à brasileira de Kabengele Munanga (1999) e a estratégia de negação do racismo, trabalhada no livro de Teun A. Van Dijk (2017) intitulado “Discurso e Poder”. A escolha desses autores e dessa temática passa pelo pertencimento e vinculação à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB-CE) com a qual tivemos contato durante a nossa formação acadêmica, o que envolve a nossa participação no grupo de pesquisa em preconceito, polidez e impolidez linguística (GEPPIL). Pretendemos contribuir para os debates dos estudos da (im) polidez linguística no Brasil e mais particularmente no Ceará ampliando a área de estudos ao utilizar os postulados teóricos da representação do racismo. Ampliamos uma área de estudos ao contribuir teórico-metodologicamente para uma corrente, utilizando e/ou adicionando novas informações ao analisar ou repensar os objetos de pesquisa. Dessa forma, mostraremos mais mecanismos – que não são os únicos – pelos quais a descortesia ocorre na linguagem, utilizando-se de atos de falas racistas em blogs. Também pretendemos contribuir para as áreas que estudam o racismo na linguagem – áreas como o colorismo, anti-racismo pós e neocolonial - mostrando quais estratégias e recursos linguísticos e extralinguísticos – imagens, emojis, gifs – são utilizados para promover o racismo no Brasil através dos blogs de direita.

Como as estratégias de (im) polidez linguística se fomentam nas representações do racismo o circunscrevendo nas interações dos blogs poderia definir os critérios de sermos polidos ou não numa interação social, como também mecanismos ideológicos que utilizamos para preservar as fachadas (nossa e/ou dos outros). Entender como esses processos se dão na dinâmica das relações verbais e como atribuem um caráter extremamente discriminatório, inclusive nos ambientes informais de fala, nos ajudará a construir um suleamento dos conhecimentos em linguagem e integração, ao abordamos um tema longe dos centros brancos/europeus de produção de conhecimento (LABORNE, 2014).

A seguir, veremos as bases teóricas que contribuem para a análise do objeto desta pesquisa, que é as representações do racismo que aparecem em interações virtuais nos blogs que se apresentam com estratégias de (im) polidez linguística. Chegamos a esse objeto de pesquisa ao pesquisar no grupo de pesquisa em preconceito, polidez e impolidez Linguística GEPPIL/UNILAB-CE. Neste grupo, muitos tipos de preconceito eram abordados e estudados junto a polidez linguística. Todavia, não existia ainda estudos que

vinculavam o racismo à polidez linguística. A partir daí surgiu o objeto desta dissertação que é as representações do racismo que aparecem em interações virtuais na web utilizando as estratégias de descortesia. A escolha por estudar interações virtuais em blogs apareceu justamente por essa ser uma rede social que estava em alta, sobretudo durante a pandemia de Coronavírus instaurada em 2020. O blog retornou a mídia com força total, ao ser parte dos vídeos do youtube – principalmente os vídeos de tutoriais. Com a impossibilidade de empreender uma pesquisa empírica por que estávamos em um lockdown, escolhemos essa rede social que além de estar na moda, sobretudo no ramo do youtubers e dos políticos era uma alternativa a situação de lockdown.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa está baseada em dois eixos teóricos. Formulamos assim pois acreditamos que o objeto desta pesquisa é interdisciplinar no campo da Linguística. O primeiro eixo teórico é o estudo da (im) polidez linguística baseados em Leech (1983), Goffman (2012) e Brown e Levinson (1987). O segundo eixo teórico refere-se aos estudos do racismo e de seus mecanismos na linguagem com Franz Fanon (2008), Kabengele Munanga (1999) e Teun Van Dijk (2017).

Acreditamos que os enunciados podem ter uma rede de compartilhamentos de valores culturais e sociais numa interação virtual, cujos valores nos são passados como naturais, e sua problematização e/ou questionamento não necessariamente advém de um pertencimento étnico/racial que nos é fornecido, quase inconscientemente, no seio cultural ao qual pertencemos. Assim, tornamos as estratégias de (im)polidez que trazem representações racistas passíveis de serem usadas por qualquer um, desde que exista na interação uma rede de compartilhamentos de valores culturais perpassados e aprovados por seus falantes.

A concepção de linguagem que levamos em conta tem uma perspectiva inaugurada por Mikhail Bakhtin (2006), da qual estabelece uma relação indissolúvel entre língua, linguagens, história e sujeitos pautando os valores culturais dos sujeitos linguísticos e historicamente situados influenciando e sendo influenciados diretamente na escolha de quais atos de fala, sobretudo se são considerados polidos, e quais valores são ou não inadmissíveis numa interação e, ainda, quais regras regem essa interação na medida em que o contexto de fala permite entender o enunciado como racista ou não. Assim colocamos o conceito de linguagem nesta pesquisa como fruto da tradição francófona bakhtiniana⁴.

Consideramos também esta pesquisa como fruto do Pós-Estruturalismo e dos estudos da pragmática dentro da linguística. O Pós-Estruturalismo instaura uma teoria da desconstrução na análise linguística, liberando o texto para uma pluralidade de sentidos. A realidade é considerada como uma construção social e subjetiva, em perpétuo devir. A abordagem é mais aberta no que diz respeito à diversidade de métodos. Neste sentido, segundo Petters,

⁴ Ver Bakhtin no seu livro “dialogismo e filosofia da linguagem” (1929).

O Pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes práticas críticas (PETTERS, 2000, p. 29).

Os pesquisadores ditos pós-estruturalistas assim denominados, não são definidos apenas por uma teoria, mas por uma linha de pensamento crítico que une as suas abordagens. Esse pensamento crítico decorre em quebrar os paradigmas sociais, principalmente em relação aos tabus e as tradições teóricas que se consolidaram como verdade propondo uma onda que também pode ser denominada de pós-moderna. As abordagens teóricas e os autores escolhidos tiveram primeiramente como critério de escolha, para a fundamentação teórica desta dissertação, a aproximação temática com o objeto desta pesquisa. O segundo critério de escolha para esses autores foi o pertencimento à corrente pós-estruturalista da Pragmática no circuito da América Latina. Tanto os autores da (im) polidez linguística como os autores que analisam o racismo em sua estrutura social e linguística fazem parte dessa corrente denominada pós-estruturalista, abrindo vaga para uma interdisciplinaridade entre a pragmática e os diversos ramos da ciência que se aproximam dela. Esses autores que serão aqui abordados nos ajudam a enxergar que as estratégias com representações do racismo utilizadas nas interações virtuais, são mecanismos para diminuir o potencial ofensivo e naturalizar modos hegemônicos de ser “branco” e “negro”.

1.1 Racismo como um tipo de descortesia

A classificação baseada em estereótipos, ou seja, na aparência é um fenômeno presente desde os primórdios do mundo. Na antiguidade clássica, já se distinguia gregos de espartanos baseados em fatores na aparência que diferenciam essas populações. Na idade média, especialmente no final dela, distinguir populações europeias e populações africanas era relativamente fácil pois suas diferenças eram diversas. Todavia, a cor de pele só se tornou sinônimo de racismo muito recentemente em nossa história. Antes da colonização vários fatores eram levados em conta ao se discriminar um povo (não só afrodescendente). Após a colonização europeia pelo mundo e o enraizamento do continente africano sobre outros continentes (sobretudo América), a cor tornou-se crucial

para distinguir quem era de origem nobre e, portanto, respeitado e quem era de origem escrava, portanto, digno de segregação. A partir desse momento da história da humanidade tornou-se essencial nas esferas da sociedade especificar o ódio e a opressão por essa população específica que carregava nos ombros a acusação de ser o atraso do mundo. Ao passado escravocrata atribui-se a divisão do mundo em países ricos e pobres.

Os países ricos seriam aqueles que assimilaram em suas culturas o modo de viver europeu e, portanto, *branco* e os países pobres ou emergentes seriam aqueles que ainda lutavam com a *raiz escrava* de suas culturas e, portanto, o modo atrasado de viver *negro*. Assim pensamentos como *África é um continente atrasado, macumba é coisa do diabo e negros parecem macacos* começaram a ser cada vez mais comuns, sobretudo, no Brasil.

⁵No Brasil principalmente pela sua relação muito direta e específica com o continente africano, tendo a maioria esmagadora de sua população oriunda de lá e quase 300 anos de escravidão transatlântica. Dessa forma, é bastante difícil definir o que é o racismo, visto que ele perpassa relações muito complexas, envolvendo vários países e muitas questões que vão além da aparência física das pessoas. Todavia, não podemos negar que ele, o racismo, oprime e categoriza muitas pessoas através dos princípios de seus estereótipos envolvendo o que se considera como *negro* e o que se considera como *branco*.

Para percebermos esse dilema, basta pesquisar em bancos de periódicos e livros o que é o racismo. Várias opiniões e vertentes vêm à tona. Segundo Djmaila Ribeiro (2019),

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. (p. 6)

Ribeiro afirma que para ela o racismo é estrutural, ou seja, no Brasil ele perpassa uma perspectiva histórica de marginalização da população negra e valorização da branquitude. O racismo também usa o sistema econômico, já que a população negra é excluída dos cargos mais altos, tornando-se mercadoria ou mão de obra barata na distribuição de riquezas. Já para Munanga (1999),

⁵ Segundo a Human Rights Watch e o Trans Murder Monitoring, o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ sobretudo negros/negras e transexuais/travestis. Para saber mais acesse o link: <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>.

O racismo no Brasil é o crime perfeito porque é uma dupla morte. Não vemos o carrasco do racismo porque ele não se assume como tal. Então é uma morte física e também da consciência do negro. A segunda se dá pelo silêncio, pelo não dito que impede que a vítima e a população tomem consciência de que o racismo existe. (p.82)

Munanga acredita num racismo que oprime de forma sigilosa numa base velada. Ao passo que oprime a população negra, apaga a sua consciência de que pertencem a tal população e que deveriam resistir a essa opressão. Munanga classifica o racismo como o crime perfeito por que ele apaga a consciência de suas vítimas. Esse apagamento da consciência de que o racismo existe ajuda na sua perpetuação e manutenção. Nesses e em outros conceitos podemos perceber que o racismo é uma forma de opressão e esta pesquisa aponta que o racismo pode ser também uma forma de descortesia, ao naturalizar representações hegemônicas do que é ser negro em atos de fala ofensivos por meio de estratégias de (im) polidez linguística. A primeira instância ao qual o racismo perpassa é a instância da linguagem, que se concretiza em atos reais de violência fora da web. Podemos ilustrar isso com o caso ocorrido com o jogador do Santos (Paulista) "Aranha" em 2014. O jogador foi chamado de macaco por uma multidão enfurecida de torcedores⁶. Os torcedores chegaram a sair de casa levando bananas para o estádio *o chamando de macaco* e logo após jogaram bananas no campo de futebol concretizando o que já *falavam com palavras*. Partindo desta perspectiva, é importante discutir os tipos de descortesia, mas em seu polo primeiro que é a descortesia na linguagem levando-se em consideração que as relações raciais podem interferir na escolha dos falantes em serem ou não ofensivos.

1.2 Descortesia na linguagem e suas interfaces no entendimento da ofensa racial

Os estudos da (des) cortesia na linguagem mostram quais são os mecanismos de linguagem que os usuários de determinada língua utilizam ao escolherem serem polidos ou impolidos, ou mesmo serem entendidos por determinada linha que não queriam aparentar. Nós seguimos a mesma linha de raciocínio seguida pelos estudiosos da (des) cortesia na linguagem. Nossa proposta é estudar as estratégias de (im) polidez com

⁶Para ver mais acesse: http://www.espn.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio.

representações do racismo presentes em interações virtuais nos blogs.

Depois de Paul Grice (1975) que escreveu o ensaio *Lógica e Conversação*, Leech (1983) é considerado um dos maiores nomes fundadores dentro dos estudos da (des) cortesia na linguagem e da linguística de um modo geral. Dentre os principais interesses de Geoffrey Neil Leech estava os estudos da pragmática. Ele é considerado um cânone quando falamos em (des) cortesia na linguagem. Ele foi um dos precursores na introdução da pragmática na linguagem com o seu livro *Principles of Pragmatics* (1983). Leech teve grande influência na Universidade de Londres e na Universidade Cambridge enquanto precursor dos estudos da polidez na linguagem, sendo sua influência nessas universidades, uma extensão para os modelos de polidez propostos ao redor do mundo.

Leech (1983) pressupõe que na interação existiriam regras que variam de acordo com os objetivos comunicacionais. Leech considera que a polidez é regida entre o falante e seu ouvinte, sendo a comunicação entre eles também afetada pelo outro que pode ser o ouvinte ou terceiros, que estejam na esfera de influência do falante ou do ouvinte ou mesmo que possa afetar a interação deste de alguma maneira. Leech propôs seis máximas nas quais se estabelece uma relação de custo e benefício. Para ser polido, o SELF sempre deve estar em desvantagem em relação ao seu interlocutor, obtendo disso, algum benefício. Leech (1983, p. 223) propôs seis máximas para ser polido:

Quadro 1 – Máximas de Leech (1983)

Máxima do Discernimento: aumente o benefício ao outro e diminua o custo ao outro. Exemplo: diálogos que envolvem negociação como Telemarketing.
Máxima da Generosidade: minimize o seu benefício, maximize o seu custo. Na construção de sua imagem para o outro, quanto menos benefícios para si próprio melhor.
Máxima da Aprovação: maximize o benefício do outro ao enaltecê-lo e focalizar sua imagem.
Máxima da modéstia: maximize a imagem sua e do outro ao não deixar qualquer imagem negativa ser associada ao falante.

Máxima de concordância: procure concordar com o que está sendo dito.
Máxima da simpatia: diminua a antipatia e maximize a simpatia. O objetivo é construir uma imagem de si mesmo, que não fuja dos interesses do ouvinte.

Fonte: elaboração da autora

Com base nessas máximas podemos observar que o self deseja que sua imagem seja positiva na visão que o outro ou terceiros constroem dele. Essa imagem positiva que o self quer construir baseia-se nos valores que os outros na interação valorizam e que são interessantes para o self demonstrar. Além dessas máximas, existem outros princípios que Leech também considera importantes e que de algum modo influencia no princípio de polidez proposto por ele - o princípio da ironia e de banter⁷; o princípio da lítotes e da hipérbole. Para ilustrar isso, temos o exemplo “what a delicious meal!” trabalhado no livro princípios da pragmática de Leech (1983) e Revisitado em Princípios da Polidez em 2005. O uso do adjetivo delicious pode não ser uma correspondência equivalente ao estado de coisa, mas que, para fazer com que o outro se sinta aprovado, o self busca no léxico um modo de demonstrar essa aprovação, ou seja, o exagero. Então, podemos dizer que o princípio da hipérbole foi utilizado com a finalidade de manter a polidez na interação. O princípio do exagero inclusive é analisado em outras frases na obra de Leech como nas sentenças *oh! Where are that hot boy* e *If I don't eat tacos I'll starve*.

Para Leech (1983), as Máximas podem ser hierárquicas entre si e umas podem ser priorizadas sobre as outras dependendo do contexto da interação. A escolha da hierarquia entre as máximas depende da interação e dos valores culturais compartilhados entre os falantes. Da mesma forma em relação PP (princípio da ironia), de banter, princípio da lítotes e da hipérbole. Leech defende que a polidez é mais focada no outro do que no self. Existe hierarquia dentro das próprias máximas, assim como os princípios de polidez podem estar hierarquizados entre si, onde *o outro* é dito como mais importante na interação. Ele não deixa claro até que ponto a cultura influência nas máximas, mas não as encara como regras absolutas e sim como flexíveis, adaptadas ao contexto cultural. Após

⁷ Os termos Banter e Litotes foram mantidos na língua original (inglês) pois tem uma significação complexa em língua portuguesa – Banter pode significar brincadeira, gracejo, ironia e zombar de. Por isso mantivemos os termos originais da obra.

sofrer críticas na sua obra de 1983, Leech reformulou sua teoria e acrescentou a ela o desafio de propor teorias que abrangessem línguas não ocidentais, já que seu estudo ocorreu com a língua inglesa. No caso, em 2005, ele fez um estudo e abrangeu desta vez além da língua inglesa, a língua japonesa e chinesa. Com sua teoria repensada, ele foi além da relação de custo e benefício e propôs novas escalas.

- a) Escala de polidez absoluta: seria uma análise linguística onde o pesquisador através da semântica poderia avaliar a polidez sem os contextos interacionais.
- b) A escala relativa de polidez: pretende abranger os aspectos culturais e interacionais na fala para avaliar a polidez assim como as relações de poder e a distância social dos falantes.

Segundo Leech, as duas escalas devem estar aliadas ao se avaliar a polidez e a impolidez linguística num enunciado de fala, pois ambos podem não estar tão claros como no caso da ironia e da metáfora. Para esta pesquisa, nos propomos a analisar as estratégias de (im) polidez linguística que apresentam representações do racismo dando ênfase na escala relativa de polidez de Leech, pois nos blogs e em suas respectivas postagens fica claro as relações de poder, os aspectos culturais e sociais compartilhados por aqueles falantes. Como no exemplo citado anteriormente na sentença “*what a delicious meal!*”, além de um custo benefício na relação de exagero da palavra *delicious*, temos os valores socialmente aprovados que estão presentes na sentença para esta ser considerada polida ou não na comunidade linguística a qual ela se apresenta. Do contrário, a sentença poderia ser rechaçada ou socialmente reprovada. Todavia, a polidez funciona em dois polos nas quais dependendo dos objetivos comunicacionais, um enunciado pode ser considerado polido ou não e isso veremos no próximo tópico.

1.3 Polidez positiva e polidez negativa de Leech

Para Leech (1983;2005) numa interação temos dois objetivos, um comunicativo que é a meta ilocucionária e outro objetivo que diz respeito às relações sociais – meta social. As metas ilocucionárias nem sempre estão em concordância com as metas sociais. Dependendo do contexto, o falante tem que escolher entre ser claro ou ser polido. Para Leech, se as metas ilocucionárias e a metas sociais competem entre si, isso seria um caso de polidez negativa e, se as metas ilocucionárias e as metas sociais concordam entre si,

como no caso de um elogio, isso seria polidez positiva. Podemos dar um exemplo com a seguinte imagem.

Figura 1: Os dois lados da cor



Fonte: encurtador.com.br/nwS08. Acesso em: 12/04/2021.

Podemos observar que na imagem acima temos dois objetivos, um comunicativo que é a meta ilocucionária e outro objetivo que diz respeito às relações sociais – meta social. A meta Ilocucionária é fomentar uma crítica à sociedade que trata de modo polido as pessoas brancas e de modo impolido as pessoas negras. Já a meta social é bem mais abrangente. Ela envolve as relações sociais. Nessa imagem, a meta social é o combate ao racismo, mostrando que ele existe e que pessoas negras são vítimas deles, sobretudo no último quadrinho em que os seguranças iam barrar a entrada do *jovem negro* somente por ele ser *negro*.

Alguns recursos visuais são usados para mostrar a polidez quando ela é negativa e a polidez quando ela é positiva. Do lado esquerdo da imagem, as pessoas estão sorrindo e o rapaz “branco” também está. Já do lado direito, o rapaz negro está triste e as pessoas que falam com ele também tem esse semblante em seus rostos. Neste caso, as metas ilocucionárias e a meta social concordam entre si causando um caso de polidez positiva. O autor da imagem tem que escolher entre ser claro ou ser polido. Neste caso, ele ou ela escolheu ser claro, pois a postagem ficou sujeita a ser encarada como uma ofensa por quem se considera branco. Trouxemos esse exemplo aqui para ilustrar que a estratégia de polidez positiva e polidez negativa de Leech (1983) pode ser aplicada em contextos de

web em imagens como estas, que não utilizam linguagem oral e que trazem recursos visuais imagéticos para interpretação do texto. Da mesma forma que a teoria da polidez de Leech pode ser aplicada a essa imagem, ela pode ser aplicada também a análise de postagens em blogs que, muitas vezes, utilizam recursos imagéticos para demonstrar o sentido de sua interpretação e se esta postagem é polida ou não nos termos de sua comunidade linguística. Todavia, a teoria proposta por Leech foi revisitada em 2005 e por essa ocasião, novas considerações foram feitas afim de aprimorar o que se já havia proposto em 1983. Isso veremos a seguir.

1.4 A grande estratégia de polidez (GSP) de Leech

Leech substituiu a palavra Máxima por Regras em sua obra de 2005 e estipulou assim como no modelo anterior (1983), que a polidez seria regida nas escalas de importância dada ao outro na interação, hierarquizadas entre si. Leech tentou demonstrar quais as regras seriam mais importantes e quais seriam secundárias quando se tratava de polidez na interação. Cuidadosamente, Leech (1983;2005) colocou as regras de impolidez como pares indicando como seria quando as metas ilocucionária e social entrassem em conflito e nos numerais ímpares, as regras de polidez com as metas que concordam entre si. São elas:

Quadro 2 - Regras de polidez de Leech (1983)

Atribuir um alto valor aos interesses do Outro
Atribuir um baixo valor aos interesses do Self
Atribuir um alto valor às qualidades do Outro
Atribuir um baixo valor às qualidades do Self
Atribuir um alto valor às obrigações do Self para com o Outro

Atribuir um alto valor às obrigações do Outro para com o Self
Atribuir um alto valor às opiniões do Outro
Atribuir um baixo valor às opiniões do Self
Atribuir um alto valor aos sentimentos do Outro
Atribuir um baixo valor aos sentimentos do Self

Fonte: elaboração da autora

De acordo com essas regras que foram baseadas no modelo antigo, priorizam-se as regras de discernimento, modéstia, simpatia, tato e concordância. Para Leech, a polidez estaria na exaltação do outro e na medida do possível na depreciação do self. Para avaliar a polidez, Leech sempre considera o contexto de fala que está baseado em dois pontos. A primeira variável seria as regras e direitos sociais e a segunda variável seria o território do self e o território do outro. Assumindo determinado papel social ficamos limitados nos direitos e deveres que este papel nos reserva. O território do self e o território do outro foi pensado para abranger alguns contextos comunicativos no Japão e na China que são, às vezes, ritualísticos, implicando na aceitação do outro no grupo. Dependendo também das questões culturais e dos contextos interacionais num grupo, as regras sociais podem variar e serem hierarquizadas entre si. De um modo geral, ele aponta as máximas para ser polido e as que envolvem a descortesia mostrando como funcionaria a polidez positiva e negativa e quais seriam as suas escalas. Assim, estratégias de (im) polidez envolveriam recursos de linguagem que tornam uma fala ofensiva em uma fala menos ofensiva.

Podemos apontar que Leech (1983;2005) contribui para esta pesquisa ao estabelecer que as estratégias de (im) polidez envolveriam recursos de linguagem, que tornam uma fala ofensiva em uma fala menos ofensiva apontando que o território do outro e o território do self devem ser respeitados para a fala ofensiva ser aceita como uma fala menos ofensiva. Dessa forma, nos blogs, por exemplo, existiriam um limite do que pode ser dito para que a postagem no blog possa ser encarada como polida e ser aplaudida através de curtidas e comentários favoráveis. Leech também contribui para a análise do

objeto desta pesquisa, ao propor regras de polidez em escala universal. Nem sempre essas regras serão encontradas em toda situação de linguagem, todavia uma ou mais regras são encontradas nos contextos linguísticos revelando por quais mecanismos a polidez linguística se enreda. Essas regras de polidez são baseadas em determinados conceitos que foram absorvidos da sociologia. No próximo tópico abordaremos que conceitos foram esses.

1.5 Goffman e a Face do Indivíduo

Erving Goffman é considerado um dos principais contribuidores para a teoria da polidez, justamente por que o conceito de face é originário de seu livro “Ritual de Interação” (2012). Todavia, outros conceitos deste autor também foram usados por linguistas que estudaram a (des)cortesia, tais como, o conceito de Fachada, de Ator Social e de Plateia. Podemos constatar também a percepção sociológica dos atores sociais sendo utilizada por linguistas como Brown e Levinson (1987) e Leech (1983/2005). Da mesma forma, adotamos na análise conceitos oriundos de Goffman. Consideramos os atores sociais como os interactantes do blog, a percepção de fachada ou face e a noção de plateia sendo aquele ou aquela que lê os comentários e/ou interage com eles.

Goffman contribui com parte de suas teorias através de seus postulados tanto para esta pesquisa como para a de muitos outros pesquisadores como Feitosa (2009), Peixoto e Dos Santos (2013) e Moreira (2016) que utilizam a polidez linguística como base teórica. Um conceito muito utilizado de Goffman (2012) é a fachada. Para ele Fachada é

Uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados - mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma (GOFFMAN, 2012, p. 16).

Assim o indivíduo tentaria preservar sua fachada nas interações sociais na medida em que a sua fachada são os seus atributos socialmente aprovados e que se deseja sua atenuação numa interação ou mesmo a credibilidade de que os indivíduos mantêm sua fachada na forma que os outros a querem. Pensando no conceito de fachada e de identidade negra (MUNANGA, 1999) teríamos uma fachada coletiva ao pensarmos na identidade branca/negra circulando nos meios de web, e ainda teríamos uma fachada individual, pensando no indivíduo que se reconhece nessas duas categorias e se coloca

nos blogs como pertencente ou apoiador dessa identidade.

O livro *Ritual de interação: Ensaios sobre o comportamento face a face* é uma das principais obras utilizadas pelos teóricos da (des) cortesia até na atualidade. Essa obra é uma coleção de seis ensaios. Os quatro primeiros foram publicados na década de 1950, o quinto em 1964, e o último foi escrito para a coleção. Goffman discute o conceito de rosto, que é uma auto-imagem positiva que um indivíduo detém ao interagir com os outros. Goffman (2012, p. 32) também discute o conceito de face e acredita em face "como uma construção sociológica de interação, não é inerente nem um aspecto permanente da pessoa". Uma vez que um indivíduo dispõe de uma auto-imagem positiva de si mesmo para os outros, esse indivíduo sente a necessidade de manter e viver de acordo com essa imagem. Inconsistência na forma como uma pessoa projeta a si próprio na sociedade traz o risco de constrangimento e descrédito. Portanto, as pessoas permanecem guardadas, para garantir que elas não se mostrem aos outros em uma luz desfavorável. Todavia, nada impede que essa imagem positiva de si não seja baseada em valores impolidos e que não haja uma comunidade linguística que aprove essa auto-imagem. Vejamos um exemplo.

Na edição de 2021 do Big Brother Brasil, programa de reality show exibido na rede Globo emissora de televisão, um dos participantes chamado de João Luiz durante o Jogo da Discórdia revelou que Rodolfo (outro participante) comparou seu cabelo à peruca do homem das cavernas. O caso deu o que falar sobretudo pela popularidade do programa em rede nacional, ocasionando um discurso por parte do apresentador Tiago Leifert em combate ao racismo. O próprio João Luiz se sentiu ofendido com a comparação e com ele muitos outros participantes da casa ao qual estavam confinados e também muitas pessoas na mídia. Contudo, o contra-discurso de Rodolfo é o que nos interessa aqui. Na sua autodefesa, seu discurso projeta sua auto-imagem em valores positivos mesmo que estes não sejam os mesmos valores positivos prezados por João Luiz. Vejamos o seu discurso na íntegra.

“Mas a intenção não foi! Você acha que eu faria uma coisa de maldade? O cabelo do meu pai é igualzinho ao dele [...] Eu tenho cabelo crespo, isso aqui é alisado”, disse o brother, tirando o boné e apontando para o cabelo....[...] Se ele achou ruim, eu concordo, mas se fosse pra contrariar uma classe, se eu soubesse que contraria, cara... Brincam comigo. Eu não apelo com brincadeira, eu sou magro, tenho as canelas finas, o povo brinca que eu tenho [...].

Fonte: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/06/justificativas-rodolfo-fala-racista.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 15/04/21.

A fala de Rodolfo é claramente considerada racismo estrutural. Ribeiro e Almeida (2019) em seu livro *Racismo Estrutural* que faz parte da Coletânea *Feminismos Plurais* concebe o racismo estrutural como o conceito mais evoluído de três conceitos propostos – Racismo Individual, institucional e Estrutural. A peruca usada por João Luiz foi comparada ao seu cabelo revelando que o cabelo afro é considerado algo antigo, atrasado e feio. Esses valores negativos e impolidos ficaram bem claros na defesa de Rodolfo. Todavia - na visão dele - ele não fez nada de mal. O que ocorreu foi apenas uma inocente brincadeira que foi mal interpretada. Tanto João Luiz como Rodolfo têm uma fachada individual e uma fachada coletiva quando se trata de suas identificações étnicas. Podemos constatar isso, ao verificar que Camila (outra participante da casa) também se sentiu extremamente ofendida pelo que foi dito a João Luiz, justamente por ser membro deste mesmo grupo étnico racial e social denominado “negros”. Da mesma forma, Rodolfo utilizou argumentos bem comuns aos que se defendem da acusação de racismo justamente por participar também de uma fachada coletiva.

A essa Fachada coletiva, Ribeiro e Almeida (2019) denominam de Racismo Estrutural. Segundo os autores, o racismo sempre é estrutural. Ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Sua manifestação já foi considerada em três níveis – individual, institucional e estrutural. O nível estrutural é a sua forma mais avançada, pois as instituições são racistas por que a sociedade é racista (ALMEIDA e RIBEIRO, 2019, p.28). O racismo é parte da ordem social e funciona em decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constitui as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. (ALMEIDA e RIBEIRO, 2019, p. 39).

Segundo Goffman (2012), a inconsistência na forma como uma pessoa projeta a si próprio na sociedade traz o risco de constrangimento e descrédito. Isso ocorreu com a fachada de Rodolfo porque ela se configura como racismo estrutural. Essa fachada é coletiva e individual ao mesmo tempo. Porém, na sua visão e na visão das pessoas que compartilham sua fachada, ele não fez nada de mal. Essa justificativa passa sobretudo, pelo entendimento de que os valores de Rodolfo tanto para ele como para a sua comunidade ou grupo social são positivos mesmo que não sejam considerados positivos na visão da comunidade ou grupo social ao qual João Luiz e Camila pertencem. Queremos

mostrar com esse exemplo que a imagem positiva de si mostrada por Rodolfo não impediu que essa auto-imagem fosse baseada em valores impolidos, mesmo que, na visão deste, esses valores sejam polidos e que não haja uma comunidade linguística que aprove essa auto-imagem e, ainda, mesmo que esta auto-imagem esteja sendo reprovada em rede nacional – que de fato ocorreu, ocasionando a eliminação do participante Rodolfo do famigerado *reality show*.

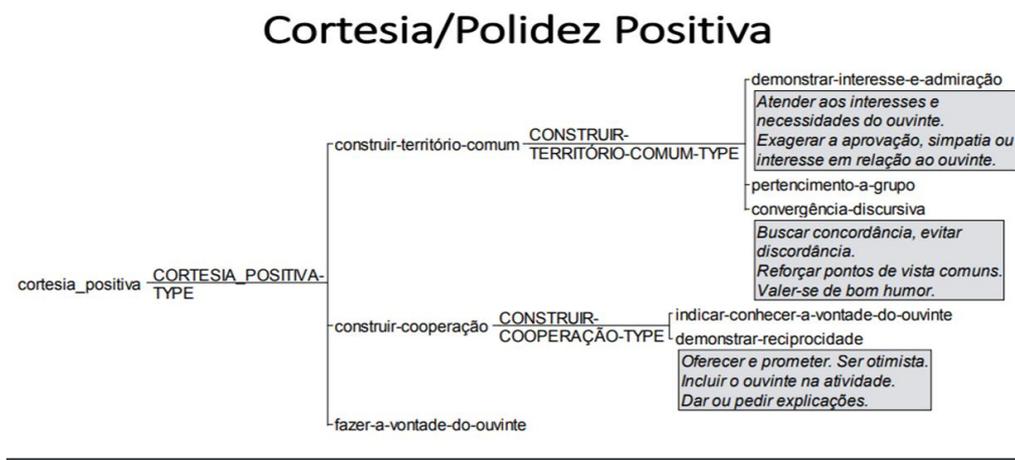
Dessa forma, na visão de uma pessoa com falas consideradas impolidas e, portanto, racistas, sua auto-imagem poderá ser positiva gerando argumentos para justificar seus atos, mesmo que estes conttenham representações do racismo como a comparação do cabelo *Black Power* com o cabelo de um homem das cavernas. Brown e Levinson (1987) pegaram o conceito de Fachada, face, plateia e ator social. Com esses conceitos e tento a bagagem de Paul Grice (1982) e de Leech (1983) eles criaram uma nova e melhorada teoria que veremos a seguir.

1.6 Brown e Levinson e a Polidez Linguística

A teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987)⁸ teve muitos de seus embasamentos vindos diretamente das considerações acerca da interação face a face, sobretudo de Erving Goffman (2012) e Searle (2002). Brown e Levinson (1987) dividiram o conceito de polidez em dois, desenvolvendo o conceito de polidez positiva e polidez negativa que se baseia nas noções de autonomia/território (polidez negativa) e afiliação/aprovação (polidez positiva). A polidez positiva se baseia nos valores que o falante quer compartilhar e construir em uma interação específica. Já a polidez negativa se baseia na preservação do território do outro e de si mesmo (PAIVA; MOREIRA e SANTOS, 2016).

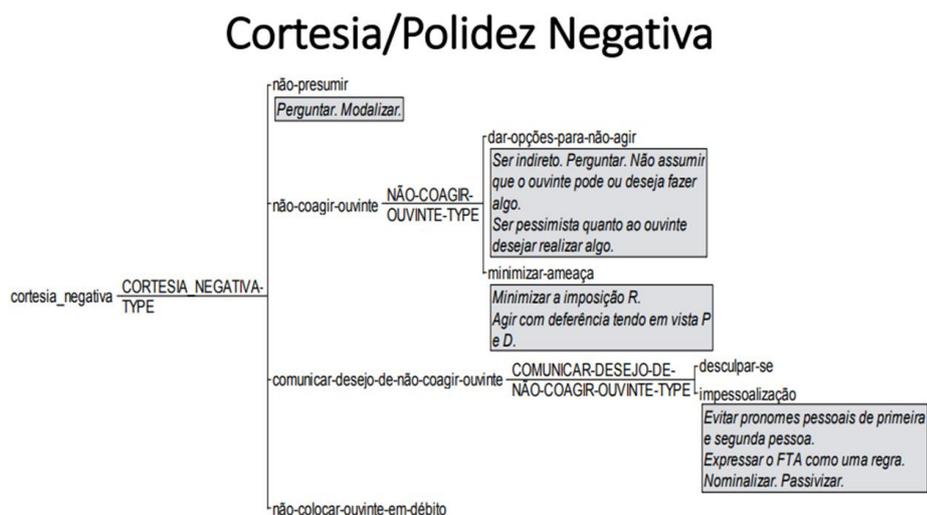
A seguir temos um esquema da polidez positiva criada por Brown e Levinson 1987:

⁸ Trabalhamos com a versão de 1987 porque a versão da teoria de Brown e Levinson publicada em 1978 foi reformulada pelos autores, devido as inúmeras críticas.

Figura 2: Cortesia/polidez positiva de Brown e Levinson

Fonte: encurtador.com.br/BHJ45. (Acesso em 15/08/2020)

A cortesia positiva teria dois tipos, a cooperação e a construção do território comum. Contudo, a tendência nas interações perderia para a construção do território comum com a criação de identidades coletivas e construção de práticas discursivas semelhantes. A polidez negativa funcionaria em esquema semelhante como podemos ver no esquema a seguir;

Figura 3: Cortesia e Polidez negativa de Brown e Levinson

Fonte: encurtador.com.br/rHKP1. (Acesso em 22/07/2020)

A polidez negativa ou cortesia negativa teria quatro tipos sendo a não coesão do

ouvinte e o desejo de não coagir tendo desdobramentos que levam à preservação e à manutenção da própria fachada, com características de individualização e impessoalização.

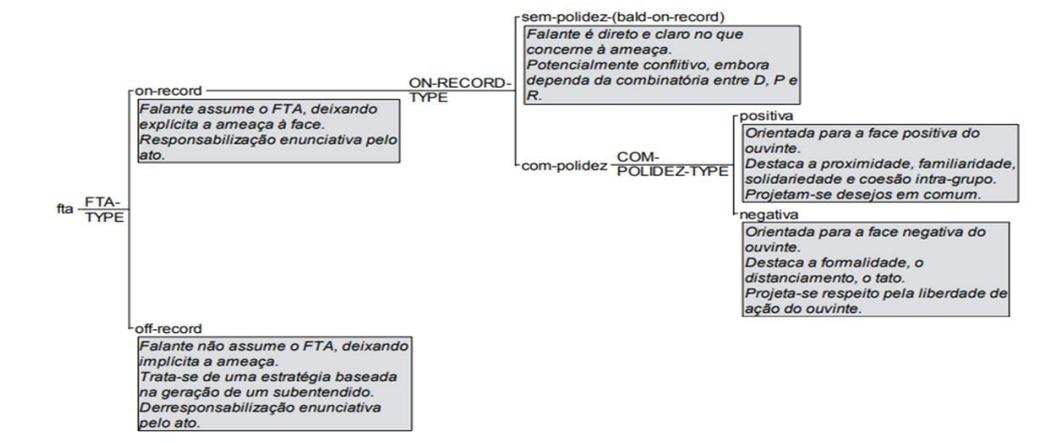
A Teoria da Polidez com a polidez positiva e negativa, desenvolvida pela linguista norte-americana Penélope Brown e pelo linguista inglês Stephen Levinson no ano de 1978 (revisada em 1987), apresenta dois grandes objetivos básicos: por um lado, ampliar o modelo de Grice (1975), no que se refere ao princípio de cooperação, ocupando-se dos aspectos sociais e racionais da comunicação; por outro, ampliar o modelo de imagem social (face) criado por Goffman (1967). Para além de uma ampliação, Brown e Levinson criaram um modelo teórico para explicar a descortesia na linguagem.

Brown e Levinson consideram a interação como um jogo ao qual cada jogador usa suas estratégias na interação. Eles alternam entre o desejo de se expor e serem aceitos socialmente (polidez positiva) e o desejo de terem suas privacidades resguardadas (polidez negativa). Os jogadores usam as estratégias não só com o fim de atingir os objetivos comunicativos como também de gerar e manter o equilíbrio na interação.

Para Brown e Levinson (1987), muitas vezes, a interação pode ser agressiva ou rude e encarada como conflituosa na maioria de suas realizações. Pensando na interação como um jogo, os jogadores usam os recursos da língua para não parecerem tão rudes ou agressivos, mesmo que o enunciado da fala seja agressivo ou rude. Entra então, a polidez linguística para amenizar os atos de ameaçadores de face positiva e negativa. Apresentamos a seguir um quadro caracterizando os Atos Ameaçadores de Face de Brown e Levinson (1987, p. 45).

Figura 4: Caracterização dos atos de Ameaça à Face (FTA) – Brown & Levinson (1987)

Caracterização dos Atos de Ameaça à Face (FTA) – Brown & Levinson (1987)



Fonte: encurtador.com.br/knIN5 (Acesso em 14/08/2020)

Os atos ameaçadores de face podem ser tanto de polidez positiva como de polidez negativa. Aparentemente, todo ato de fala potencialmente pode ser uma ameaça, contudo, isso será avaliado como ato ameaçador da face de acordo com o contexto interacional. Existem ainda outros moldes para além dos Atos Ameaçadores de Fala que o influenciam diretamente, como as relações de poder e de intimidade. Para Brown e Levinson, as relações de poder e a intimidade numa interação social são variáveis para determinar as ameaças à face. Eles propuseram que a polidez é a somatória do nível de intimidade, as relações de poder envolvidas na interação e o peso do Ator Ameaçador. Essa fórmula considera a potencialidade do Ato Ameaçador de Fala, o engajamento do ouvinte e do falante e a simetria. Para ilustrar isso, tomemos como exemplo a cena de uma mãe chegando em casa, e ao entrar no quarto do filho, ela verifica que está desorganizado e diz: Mãe: acho que hoje à noite você vai demorar a sair pra brincar. Filho: eu arrumo em um minuto. No exemplo, a mãe faz uma constatação de algo que ainda pode acontecer e o filho responde como quem. O filho responde a uma ordem. Ele poderia concordar com ela, ele poderia discordar dela, mas o filho prefere prometer. Sua escolha certamente reflete uma reação à crítica feita pela mãe de forma indireta, o que segundo a teoria de Brown e Levinson (1987) em um contexto familiar como o citado anteriormente, no qual a mãe tenha mais poder que o filho, embora exista um baixo distanciamento entre eles, dada a intimidade da relação, é provável que o ato ameaçador de face não pese tanto, visto que a obediência seja um fator preponderante na relação desses dois familiares; mas, uma

vez que o filho enuncia um ato ameaçador à face a sua mãe, esse ato passa a assumir uma força diferenciada, ou seja, ele pode ser potencializado devido a assimetria do papel que ambos ocupam na interação social. Fatores que influenciam as escolhas do falante (filho) e no entendimento de que a hierarquia torna a fala de sua mãe polida, o que talvez não ocorresse caso as relações de intimidade e poder estivessem alteradas.

Para Brown e Levinson, portanto, a polidez se daria quando se soma o nível de intimidade, as relações de poder envolvidas na interação e o peso do Ator Ameaçador. Essa fórmula considera a potencialidade do Ato Ameaçador de Fala, o engajamento do ouvinte e do falante e a simetria entre ambos, algo que ocorre no comentário acima. Trouxemos esse exemplo, aqui nesta sessão para afirmar que usamos os níveis de intimidade e poder para avaliar os atos ameaçadores de face que contenham representações do racismo em blogs e também de qual forma as estratégias de (im) polidez aplicadas podem ser usadas para contornar esses atos ameaçadores de face.

Consideramos que a intimidade e o poder não são categorias neutras, no sentido de que são perpassadas por hierarquias raciais das quais se configura o nível de intimidade e de poder contida nelas. Sobre isso, falaremos na seção seguinte.

1.7 As representações sociais e discursivas do Racismo: Identidade Deteriorada

Um dos principais nomes quando falamos de racismo e de suas representações tanto na linguagem como no campo social é Frantz Fanon. Ele nasceu em 1925 na Martinica. Sua orientação acadêmica é pelo materialismo histórico. Logo nas primeiras páginas de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Fanon deixa claro que suas considerações são sobre o mundo francófono, todavia, suas análises se estendem para diferentes partes do mundo tanto em seu livro como em estudos influenciados por ele. Fanon é um clássico do pensamento antirracista e anti-colonial e sua influência se estende por diversas áreas como os estudos coloniais, psicológicos, da filosofia da linguagem e na literatura.

Sua obra chegou no Brasil em um momento de revolução social com a disputa teórica entre o Existencialismo e o Marxismo, todavia quando isso passou, ela não foi discutida em centros acadêmicos como ocorreu com outras obras (DOS SANTOS ROCHA, 2015, p. 115). Isso se deve, sobretudo, porque na década de 1960 as novidades chegavam através do eixo Europa-Estados Unidos e Fanon, além de ser martinicano, era

negro e militante contra o colonialismo na África e na América Latina. Isso também pode explicar por que ele não é um nome tão conhecido na linguística pós-estruturalista, sobretudo na sua interface com a psicologia e a antropologia. As obras de Frantz Fanon têm um carácter interdisciplinar com mecanismos retóricos que implementam diferentes maneiras de abordar o problema central de suas pesquisas: a relação entre negros e brancos pautada pelo racismo.

Em *Pele negra, Máscaras brancas*, Fanon (2008) constrói sua ideia em torno de que a alienação do negro não é apenas uma questão individual e sim um fenómeno socialmente construído, que opera como um importante mecanismo de desigualdade. Para ele, o racismo é um mecanismo de distribuição de privilégios em sociedades desiguais marcadas pela colonização branca. A desigualdade para Fanon se fomenta na inferioridade do colonizado e isso se deve ao sepultamento de sua originalidade cultural, civilizacional e um passado histórico longo. Podemos afirmar então com base em Fanon que o Brasil é um clássico em termos de desigualdade racial.

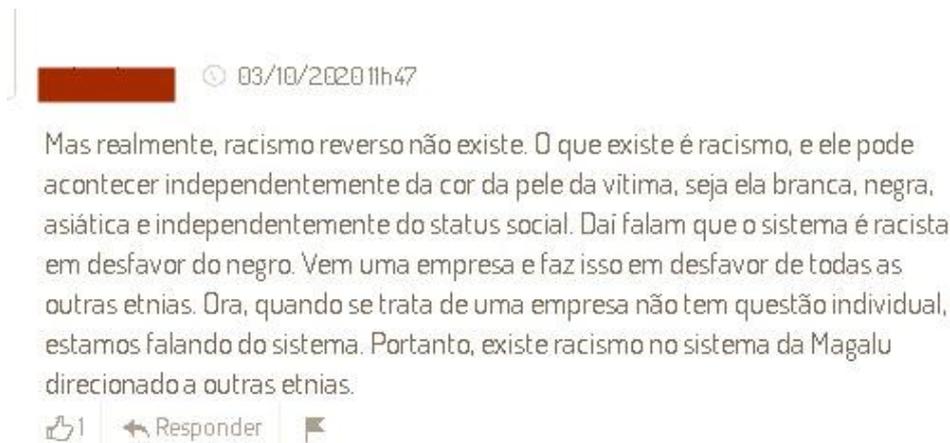
A identidade do negro está deteriorada sobre a égide da presença cultural e econômica do homem branco. Na medida em que o negro assimila os valores da metrópole, ele estará deixando escapar sua herança cultural nas línguas maternas (crioulas e indígenas) que representariam a selvageria, o atraso social e econômico. Um exemplo que podemos citar desse desligamento cultural sob a égide cultural da presença cultural do homem branco é a comparação do cabelo de João Luiz ao de um homem das cavernas no programa Big Brother Brasil 2021.

Fanon aponta que uma das formas de aceitação ou subida na hierarquia social branca é através do matrimônio, isso se referindo ao período pós-colonial vindo até meados do século XX. Todavia, esses fatores influenciam na escolha dos parceiros até a atualidade, pois a estética do branco é favorecida sobre a do negro. Ele também esclarece que o matrimônio não anula o racismo, ao contrário o realça sobretudo no campo econômico ao mostrar que os cônjuges brancos têm renda superior e estética mais desejável do que a população negra. Ainda salienta que ocorre uma corrida para a aceitação do negro no padrão branco de existência. Podemos ver exemplos claros desse tipo de comportamento na sociedade, com reflexos diretos nas interações cotidianas como o embranquecimento artificial de pele, o alisamento dos cabelos crespos e os cargos destinados à *gente negra* como empregada doméstica, porteiro, vigia, etc. com poucas exceções. Esses reflexos circulam inclusive na web.

Podemos ver um claro exemplo, quando em 2020 a rede varejista Magazine Luiza

publicou uma chamada para trainees só para pessoas negras. O alvoroço na mídia foi grande, com vários internautas chamando de *racismo reverso* ou *racismo contra as outras etnias* como vemos no comentário abaixo.

Figura 5: Comentário no portal de notícias UOL sobre Magalu oferecer vagas de emprego com cotas para negros



Fonte: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/19/seguidores-acusam-magalu-de-racismo-por-vagas-para-negros-entenda.htm>. Acesso: 08/04/2021

Neste comentário, podemos ver a clara corrida para a aceitação do negro no padrão branco de existência. Fazer uma chamada somente para pessoas negras em cargos de lideranças seria como um racismo ao reverso, já que estamos acostumados a ver *brancos* em cargos de liderança. Veremos somente brancos em cargos de liderança é natural, agora uma chamada só para negros constituiria uma ofensa justamente porque a estética e a economia relacionadas ao negro ainda remetem ao atraso social e econômico causando uma revolta nas pessoas. Igualdade racial no comentário acima é assumir que todas as pessoas junto a suas respectivas etnias estão em igualdade de condições. De tal forma que o comentário acima parte da ideia de que não devemos discriminar ou diferenciar umas etnias sobre outras. Neste comentário, podemos ver uma clássica representação do racismo que é *o racismo ao reverso*. Esse exemplo ilustra que, Fanon ao falar da estética do negro sendo inferior à estética do branco seria algo atemporal, ocorrendo inclusive por meio da linguagem em posts da web em pleno 2020.

Para Fanon, a língua funciona como porta de entrada dos valores do colonizador transmitidos através da cultura: literatura, filosofia, conhecimento científico, em que são enaltecidos os feitos históricos, o progresso, as conquistas, em geral, exemplos que

demarquem a pretensa superioridade do europeu sobre os outros povos justificando sua hegemonia perante o mundo. Por outro lado, a valorização superestimada da cultura europeia se fortalece na desvalorização das *culturas dos negros*, ou simplesmente, na total destituição cultural do colonizado, ou seja, na indicação de que há ausência de civilização entre os povos colonizados. Essas ponderações de Fanon são visíveis nas representações na TV em que aparecem a representação discursiva e imagética das culturas africana e indígena. Considerando isso, é possível afirmar que a marca de selvageria e de atraso econômico e social é visível em diversos programas produzidos e distribuídos pela mídia brasileira.

Fanon tece críticas ao colono branco que impõe sua cultura aos membros da pequena burguesia Antilhana que aderem aos hábitos europeus como forma de distinguirem-se de seu grupo étnico de origem marcando assim uma ascensão social via *embranquecimento cultural*. Ao longo de seu livro, Fanon salienta que sua luta não é contra o homem europeu, nem contra a cultura europeia, mas contra os mecanismos políticos e ideológicos do colonialismo que hierarquizam os seres humanos e as diferentes culturas. Mecanismos esses que se perpetuam ao longo da história da humanidade.

Fanon entende que o racismo se alia às barreiras econômicas como forma de garantir os privilégios das elites brancas, também funcionando como proteção aos brancos pobres, impedindo-os de decaírem ainda mais na pirâmide social. Para Fanon, o racismo deve ser combatido como uma forma de opressão aliada à exploração econômica e a manutenção das estruturas sociais. Tanto o materialismo histórico de Marx quanto a influência de ideias de Hegel fazem com que Fanon inclua a libertação do negro em um projeto universalista de libertação, considerando que todas as formas de exploração têm uma semelhança em comum, pois são aplicadas a um mesmo objeto: o ser humano. O universalismo também é pautado na polidez linguística, nela existiam princípios universais de polidez assim como existiriam opressões universais contra *o negro*. Consideramos o universalismo de ideias aqui, um equívoco e um reforço da globalização do mundo anulando as particularidades de cada local e região. No entanto, não podemos negar que existem padrões de opressão racial, de representações racistas e de estratégias de polidez que podem mais ou menos serem iguais em vários contextos linguísticos e sociais.

O racismo impõe aos indivíduos desvios existenciais. Fanon (2008, p. 21) afirma que “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco”. Os estigmas, segundo Fanon, imputados aos grupos que se tornam bode expiatório em

sociedades racistas, são veiculados em ditados populares correntes no cotidiano, nas escolas, livros didáticos, histórias em quadrinhos, periódicos, literatura, cinema, teatro. A presença desses estigmas se encontra em piadas como “nega maluca” e se estende até abordagens policiais e literaturas infantis como *Barbie*. De acordo com Fanon, o racismo e a colonização extirpam do negro qualquer aspecto de valor e originalidade. Diante disso, Fanon critica os negros que buscam o caminho do embranquecimento como tentativa de ilusoriamente atenuar sua situação de oprimido.

Todavia, não cabe a esta pesquisa julgar os que em redes sociais como o blog, enveredam pelo caminho da defesa e manutenção de estereótipos raciais, como estratégias de (im) polidez linguística para diminuir ou reverter o potencial de suas falas. A situação de oprimido nem sempre é algo consciente e amplamente debatido em todas as esferas sociais e em muitos aspectos é considerado um tabu social.

A negritude, conceito criado por Fanon para definir a comunidade negra pelo mundo, nasce como uma reação ao racismo do branco, e uma negação à via do embranquecimento, através da afirmação de uma cultura negra dotada de originalidade e valores positivos. Fanon dialoga com tais ideias ao longo do que ele vê como um essencialismo negro contido no discurso de alguns autores da negritude (denominada identidade negra), e olha com desconfiança para qualquer busca de “um ser tipicamente negro”, ou de uma cultura negra que se sobreponha às várias culturas negras existentes. Um aspecto para o qual o autor chama a atenção consiste na armadilha de se construir uma identidade negra centrada na emoção, criticando, deste modo, uma afirmação atribuída a Leopold Senghor (1980) onde “a razão é grega e a emoção é negra”. O problema, segundo Fanon, de uma negritude baseada neste tipo de essencialismo estaria no fato de querer construir uma identidade negra a partir de estereótipos criados pelos brancos para afirmar sua suposta superioridade. Para o autor, atribuir a emoção ao negro e a razão ao branco como características inerentes à raça, reforçaria o mito de que os negros estacionaram em um estágio evolutivo superado pelos brancos e isso seria um equívoco. Tanto no racismo branco, quanto no antirracismo negro desta negritude há um fundamento comum para Fanon. Esse fundamento é de que “A verdade e o valor do homem estão contidos na raça. Em outras palavras, nos dois casos, a biologia suporta a cultura e dirige a história, tornando-as decorativas, em vez de práticas de atividades humanas “(FANON, 2008, p. 25).

Fanon defende que o negro não deve rejeitar a razão em detrimento da emoção, ao contrário, deve reivindicar a razão para si, que é algo inerente ao ser humano.

Reivindicar a razão é defender a humanidade do negro, defender a essência humana que o racismo o tenta tirar. Portanto, a luta contra o racismo deve ser travada no campo da razão. A afirmação de valores positivos para o negro deve tender ao universalismo. Para Fanon, a antiguidade negra na África e as complexas civilizações desenvolvidas neste continente são importantes para situar o negro na história da humanidade, e não para separá-lo. As culturas negras devem ser reconhecidas, sobretudo, enquanto culturas, sem o marcador étnico. A saída para o racismo está em colocar o negro em condição de igualdade, com o branco no contexto universalista (superando o pretense universalismo eurocêntrico). A luta do negro contra o racismo e o colonialismo é pela conquista do reconhecimento de sua essência humana, e não de uma suposta essência negra: o branco deve reconhecer a humanidade do negro. Deve haver um reconhecimento recíproco entre os diferentes grupos humanos, que não pode ser unilateral, como ocorre em sociedades racistas onde apenas o grupo dominante é reconhecido.

Apesar de revolucionárias, as ideias de Fanon em relação a esta pesquisa passam por um filtro, sobretudo quando direcionamos e situamos o objeto de nossa pesquisa na tradição lusófona. Sem a formação de uma identidade negra, mesmo valorizando os estereótipos criados pelos *brancos*, foi algo necessário para se criar uma resistência ao colonialismo e ao racismo que até pouco tempo tinha pouquíssimos adeptos. O movimento universalista foi uma experiência anterior a Fanon, no pan-africanismo e mostrou-se fracassado no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial. Portanto, para mostrar como as estratégias de (im) polidez linguística que contém representações do racismo funcionam em blogs, devemos primeiro identificar que representações temos do racismo no caso particular da América Latina, admitindo e tornando aceitável que muitos negros defendem e se consideram *parte dos brancos* como forma de superar o racismo (e talvez a única possível para eles) e sair da lógica do atraso econômico e social ao qual se encontra muitas comunidades no interior e nas favelas brasileiras.

1.8 Representações sobre o racismo na América Latina

Saindo do universalismo de Frantz Fanon e adentrando em casos particulares da representação do racismo, situamos o teórico Kabengele Munanga (1999) como precursor da teoria do Racismo a Brasileira. Munanga considera o racismo um fator ideológico.

Nele, temos a produção de marcadores de identidade nos grupos sociais e de simbologias (MUNANGA, 1999). Em seu livro, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, publicado originalmente em 1999, Kabengele Munanga recoloca em discussão, à luz do discurso pluralista emergente (multiculturalismo, pluriculturalismo), os verdadeiros fundamentos da identidade nacional brasileira, convidando pesquisadores da questão para rediscuti-la e melhor entender por que as chamadas minorias, que na realidade constituem maiorias silenciadas, não são capazes de construir identidades políticas verdadeiramente mobilizadoras. E essa discussão não pode ser feita sem perpassar o ideal do branqueamento, materializado pela mestiçagem no racismo à brasileira.

Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Departamento de Antropologia da mesma instituição e autor de vários trabalhos na área de Antropologia da População Negra Africana e Afro-Brasileira, Kabengele Munanga é uma referência quando falamos em mestiçagem e identidade negra no Brasil. Ao contrário de Fanon, Kabengele Munanga se coloca na trilha das particularidades do caso da mestiçagem brasileira. Sua tese fundamental gira em torno de como a identidade nacional foi construída relegando a identidade negra através da ideologia da mestiçagem. Assim como Fanon, uma de suas principais contribuições é mostrar que existe racismo fora do eixo anglófono mostrando que outras colonizações foram tão ou mais racistas ao relegar as ditas minorias, o espaço de periferia.

Sendo mais específico que Fanon, mas trabalhando a mesma questão, Munanga analisa o branqueamento cultural e social (não somente de cor) da população brasileira e como isso ocasionou a identidade deteriorada de muitas pessoas dentro das periferias e fora delas. A ideologia da igualdade racial trouxe a negação da existência do racismo e com isso, abriu-se um passe-livre para seu uso inclusive na linguagem – de forma velada/oculta. Para Munanga, o racismo e o colonialismo são formas de opressão para a manutenção do poder, este que se alia à intimidade para determinar se uma fala é ou não polida. Esse pensamento mostra a clara influência de Fanon, entretanto, Munanga é mais específico mostrando como a identidade negra tem a bipolaridade entre o que é herança negra/africana e, portanto, condenável e o que se espera que seja coisas de branco.

Dando um exemplo desse postulado de Munanga, está a relação de prestígio e visibilidade social entre religiões cristãs e religiões indígenas/afro-brasileiras. Nogueira (2020) aponta que a discriminação religiosa e o caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamento que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a

um determinado 'eu' em detrimento de "outrem" sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político os quais culminam e até certo ponto culminaram contra um grupo de pessoas consideradas não hegemônicas. Esse grupo não hegemônico tem suas práticas religiosas não somente segregadas, mas aniquiladas enquanto parte da prática religiosa normal considerada padrão.

No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular e não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatizar-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. A religião considerada normal que é a religião cristã segmenta todas as outras não padrões, vistos como coisa do diabo. A essas religiões não hegemônicas resta a sua ruptura ou apropriação.

A apropriação cultural que é diferente da aculturação, é um processo que esvazia culturalmente os símbolos de determinado grupo estigmatizado (WILLIAM, 2019). Munanga (2019) aponta que os símbolos classificados como herança ou presença negra foram caricaturalizados e distorcidos de seu propósito original. Nessa lógica entraria turbantes, incensos, banhos de ervas, estilos de cabelo crespo, etc. Segundo William (2019), se pensarmos em alguns adornos como turbantes, dreads, etc. e na maneira como estão sendo inseridos na realidade brasileira, veremos que não só colaboram para construir e manter o ideal de mestiçagem que foi tão abordado por Munanga (1999), como também alimenta, por exemplo, o mito da democracia racial, quando se tornam símbolos de resistência para determinados grupos. Para além dos elementos de aculturação, como o sincretismo e assimilações culturais, a integração nem sempre se dá de maneira tranquila e acaba gerando conflitos que remetem a questão do apagamento ou do esvaziamento de significados abrindo a discussão sobre os limites de uso e gerando todas as controvérsias que desembocam na apropriação cultural. Os símbolos da cultura negra acabam sendo exaltados apenas na medida em que representam a exaltação da mestiçagem e da laicidade religiosa brasileira. Um belo exemplo de um caso real ilustrando os postulados de Munanga (1999) e William (2019), ocorreu quando uma adolescente saía do Candomblé com sua avó em direção à sua casa com os trajes clássicos da religião. Segue o relato da Jovem.

“Achei que ia morrer. Eu sei que vai ser difícil. Toda vez que eu fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória”[...] – relato da jovem agredida.

O que chamou a atenção foi que eles começaram a levantar a Bíblia e a chamar todo mundo de ‘diabo’, ‘vai para o inferno’, ‘Jesus está voltando’” – relato da avó da menina.

Fonte: encurtador.com.br/dpqxz. Acesso: 12/04/2021.

Pelo relato da jovem podemos perceber elementos linguísticos fundamentais que marcam a representação do racismo religioso. Associar religiões de matriz africana com “diabo” é algo que remete aos tempos coloniais brasileiros. No relato da jovem podemos ver claramente o que é a diferença entre dois princípios básicos. O que se considera como identidade negra (carregadora da bipolaridade entre o que é herança negra/africana), considerada condenável e o que se espera que seja coisas de branco que não é reconhecida como uma identidade porque estamos falando do *normal* e o *normal* nunca é identitário. Seguir Jesus e ser cristão é considerado *coisas de branco*, agora seguir o candomblé de raiz africana é *coisa do diabo*. Interessante notar também que os racismos gravam na memória assim como a ancestralidade afrodescendente, marcando uma pessoa e sua história de vida de tal forma que a condena a uma experiência/sensação de discriminação ou medo que dura por muito tempo. Isso se explica, em parte, por que a ofensa/fala impolida se dirige a identidade social daquele indivíduo remetendo a sua característica física que é mais ou menos estável – a cor de pele.

Podemos empreender também neste relato que circula no jornal Globo, que os símbolos da herança ou presença negra foram caricaturalizados e distorcidos de seu propósito original. A roupa do candomblé simboliza algo maligno, ao invés de ser associada ao branco da paz. Os turbantes da mesma forma, concretizando o que Munanga (1999) já afirmava em seu livro *rediscutindo a mestiçagem no Brasil* como sendo racismo à brasileira. O relato dessa jovem que circula nos meios de web, é uma prova de que o racismo trabalhou e trabalha na linguagem antes de se concretizar em atos da vida real para discriminar e inferiorizar pessoas consideradas *negras*. Este relato também nos ajuda a validar a teoria proposta por Munanga (1999) para se analisar as estratégias de (im) polidez linguística com representações do racismo nos blogs, pois propõe que o racismo ocorreria na instância do poder e da intimidade pautada por relações de superioridade entre brancos e negros. Essas duas instâncias influenciam diretamente o que se considera ofensivo e (im)polido, além disso, nos mostra que as estratégias de (im) polidez são mediadas pelas relações raciais e seus estereótipos aceitáveis ou não naquela comunidade de falantes. No tópico a seguir, veremos como a

ofensa e a descortesia podem ser mascaradas sob uma nova égide chamada de “negação”.

1.9 Estratégia de negação do Racismo de Teun A. Van Dijk

A negação do racismo é tratada como fenômeno social universal em Fanon (2008) e com fenômeno ideológico em Kabengele Munanga (1999). No entanto, Dijk (2017) traz uma nova perspectiva sobre como o racismo é mascarado, de tal forma que para além de ser um fenômeno ideológico e universal, ele é um fenômeno social constantemente dado como inexistente. Teun A. Van Dijk propõe que a estratégia de negação discursiva do racismo é uma forma de mantê-lo sem maiores consequências sociais. Dijk é um linguista neerlandês conhecido por suas contribuições na Linguística Textual e nos Estudos Críticos do Discurso ao qual alia diversas correntes da linguística com as análises sobre o racismo em seu livro denominado *Discurso e Poder*. Dijk tem uma sessão reservada para explicar a negação do racismo como estratégia discursiva. Ao contrário de Frantz Fanon (2008) e Kabengele Munanga (1999), Dijk (2017) analisa como as elites simbólicas, através desse meio específico que é o discurso, exerce o seu poder dentro da sociedade e controla não somente as ações desta, mas também sua forma de pensar. Sobre a dominação das elites no discurso, Dijk (2017), Fanon (2008) e Munanga (1999) tem suas teorias entrelaçadas, pois, admitem que a linguagem é um vínculo de persuasão e de dominação.

Os capítulos cinco, seis e sete do livro denominado “*Discurso e Racismo*” versam sobre o mesmo assunto: a disseminação velada do racismo, principalmente, na sociedade europeia. Apesar de suas análises se concentrarem na Europa, podem ser expandidas para outros contextos linguísticos como também é possível com Fanon (2008) e Munanga (1999) inclusive nos contextos da web. Dijk discorre sobre o que são racismo, discurso e cognição política, e como a cognição e o contexto social auxiliam nessa reprodução. Para Dijk a negação do racismo também é uma importante forma de disseminar o preconceito, uma vez que, por ser proibido por lei, o racismo não pode ser falado abertamente, e o fato de negarmos o racismo faz com que fiquemos isentos de qualquer culpa judicial. Apesar de recentemente comprovarmos que se declarar preconceituoso ou mesmo racista possa ser uma forma de prestígio social e compromisso com a verdade, para muitos grupos sociais de esquerda e da imprensa, esse tipo de declaração ainda culmina em uma

patologia social a ser combatida. Sobre a negação, o pesquisador afirma que podem existir quatro tipos, que são: a negação do ato, a negação do controle, a negação da intenção e a negação do propósito, sendo por meio dessas negações que a reprodução do discurso a respeito do racismo se dissemina na sociedade sem que a mesma tenha consciência disso. Além da negação, o autor fala a respeito de outra forma de controle que acontece bastante nos discursos racista e político que é a auto-apresentação positiva e a outra-apresentação negativa, pois a partir do momento que exaltamos nossas qualidades e só falamos dos aspectos negativos dos outros, fazemos com que as pessoas só percebam aquilo que pretendemos, que, no caso do racismo e da política, é ver o quanto o processo de imigração é danoso para a sociedade europeia. A auto-apresentação positiva e negativa de Dijk nesta pesquisa se alia muito bem com os postulados de Brown e Levinson (1987), Leech (1985) e Goffman (2012) ao se aproximar do conceito de preservação da fachada. Negar o racismo seria uma forma de preservar a face numa interação, sendo possivelmente *negar o racismo* também uma estratégia de (im) polidez linguística.

A auto-apresentação positiva e negativa segue algumas estratégias de polidez orientadas para a face positiva, para a face negativa e as denominadas *off-record*. Essas estratégias de polidez estão elencadas no quadro a seguir elaborado por Adriana Regina Dantas Martins em sua dissertação de mestrado, defendida em 2013 baseados nos estudos de Brown e Levinson (1987) e Paiva (2008).

Quadro 3 - Estratégias de Polidez Positiva e Negativa de Brown e Levinson (1987)

<p>On-record: estratégias direcionadas à face positiva (polidez positiva)</p>	<p>1 - Note: (isto é, focalize) os interesses do ouvinte (interesses, metas, necessidades, qualidades), exalte a qualidade do ouvinte, fazendo com que ele se sinta apreciado;</p> <p>2 - Exagere (interesse, elogio, aprovação, simpatia com o ouvinte);</p> <p>3 - Intensifique o interesse do ouvinte (gere, aumente, mantenha a expectativa do ouvinte, sua face positiva);</p> <p>4 - Use marcadores de identidade e grupo no discurso (expressões linguísticas que identificam a formalidade e a camaradagem; o nível de polidez é balanceado dependendo do nível de distância social entre os interlocutores);</p>
--	--

5 - **Procure concordar** (o interlocutor busca a concordância através de expressões afirmativas. Ex.: “né?”);

6 - **Distancie-se da discordância** (evitar a discordância na interação, utilizando as repetições e exageros);

7 - **Aceite, aumente, delimite o terreno comum** (demonstrar ao ouvinte que compartilha de um determinado conhecimento, geralmente ao utilizar a expressão: “Eu sei”);

8 - **Brinque para deixar o ouvinte mais à vontade** (é utilizada em situações em que interlocutores já possuem certa intimidade. Ex.: “Posso atacar esses biscoitos?”);

9 - **Acerte ou pressuponha conhecimento do ouvinte e de seus interesses** (essa estratégia é similar a estratégia 7, a diferença é que aqui, você concorda valorizando a face do interlocutor, mas devido alguma situação precisa contrariar. Ex.: “Eu sei que você gosta de rosas, mas havia acabado então comprei gerânios”);

10 - **Ofereça, prometa** (procurar algum crédito, ou seja, manter a sua face positiva, no que diz respeito a uma ação realizada por ele. Ex.: “Eu virei te visitar algum dia”);

11 - **Seja otimista sobre os interesses do ouvinte.** Ele quer o que o falante quer (esse tipo de estratégia, apesar de se dedicar à polidez positiva, pode comprometer a polidez negativa, na medida em que o falante não fornece muitas escolhas para o ouvinte, fazendo com que este se sinta coagido a fazer algo. Ex.: “Você não se importa se eu pegar emprestado sua máquina de escrever?”);

12 - **Inclua ouvinte e falante na mesma atividade** (a pluralização dos pronomes é utilizada nessa estratégia possibilitando que o interlocutor se sinta parte de um grupo, mesmo em circunstâncias em que um ato possa ameaçar sua face. Ex.: “Dê-nos um tempo”);

13 - **Forneça ou peça razões** (estratégia utilizada a fim de estabelecer algum vínculo entre os interlocutores. É utilizada para fazer uma oferta de ajuda);

14 - **Acerte uma troca recíproca** (é uma negociação a fim de gerar benefícios para ambos participantes. Dessa forma o custo seria minimizado);

15 - **Forneça presentes ao ouvinte** (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação) (não precisa ser necessariamente

	objeto, mas sim elogios ou demonstrações de sentimentos a fim de facilitar a interação);
<p>On-record: Estratégias direcionadas à face negativa (polidez negativa)</p>	<p>16 - Seja convencionalmente indireto (“can” e “could” são marcadores de ato de fala indiretos, para amenizar alguns atos coercitivos, dessa forma o pedido minimiza a imposição, mas gera uma ameaça à face negativa do interlocutor);</p> <p>17 - Questione, restrinja-se (o uso de modalizadores como: eu acho, acredito, eu penso; pode ser uma forma de aliviar o grau de comprometimento entre enunciador e enunciado);</p> <p>18 - Seja pessimista (principal objetivo é estabelecer a distância entre falante e ouvinte por meio do pessimismo interacional. Por outro lado, o efeito pode ser uma forma de coação, impondo a alguém realizar alguma ação. Ex.: “Talvez você se importasse em me ajudar”);</p> <p>19 - Minimize a imposição (para amenizar a face negativa o interlocutor busca em palavras como: apenas, se um pouco; uma estratégia para fazer um pedido. Ex: Eu só queria perguntar a você se eu posso pegar emprestado um papel pequeno?”);</p> <p>20 - Demonstre respeito (a distância social e o respeito mútuo protege a face dos interlocutores. Ex.: “Está tudo certo, Senhor”);</p> <p>21 - Desculpe-se (a utilização do termo “desculpe por incomodar, mas....” é uma ação que pode minimizar algum conflito ou ameaça à face do interlocutor. O ato de desculpar-se implica um reconhecimento de aproximação entre os interlocutores);</p> <p>22 - Impessoalize o falante e o ouvinte. Distancie-se dos pronomes eu e você (a impessoalização, o uso de voz passiva ou omissão do sujeito pode minimizar a responsabilidade com o ato de fala enunciado e proteger a face do interlocutor. Ex.: “Isso quebrou – eu quebrei isso”);</p> <p>23 - Categorize um ato de ameaça à face como uma regra geral (a generalização, utilizando um provérbio ou conhecimento do senso comum, é uma forma de se eximir do que está sendo dito. Ex.: “Nós não sentamos em mesas, nós sentamos em cadeiras, Jonhny”);</p> <p>24 - Nominalize para distanciar o ator e adicione formalidade (a nominalização e a impessoalidade geram uma impessoalização que mantém uma distância entre os interlocutores. Ex.: “É um prazer estar apto para informá-lo”);</p>

	<p>25 - Aja como se estivesse em débito com o interlocutor ou como se o interlocutor não lhe devesse nada (a utilização de meios cerimoniosos a fim de minimizar o custo de uma ação pretendida com a promessa de um presente. Ex.: “Eu estaria eternamente agradecido se você pudesse...”);</p>
<p>Off-record: estratégias de polidez linguística</p>	<p>26 - Faça insinuações (a forma de manifestação mais comum são as utilizações de atos de fala indiretos, ou seja, são declarações que intencionam um pedido. Ex.: “Está frio aqui”. Essa declaração pode significar: “Desligue o ventilador” ou “Feche a janela”);</p> <p>27 - Forneça pistas associativas (as pistas são geradas a partir de um conhecimento compartilhado e de um contexto particular. Ex.: “Oh Deus, estou com dor de cabeça novamente” pode soar como desculpa para não realizar algo);</p> <p>28 - Pressuponha (é necessário o contexto, o conhecimento compartilhado e os itens linguísticos para facilitar a interpretação do enunciado. Ex.: “Eu lavei o carro novamente hoje” significa que essa ação já aconteceu outras vezes);</p> <p>29 - Minimize (tem o objetivo de distorcer o estado das coisas, e para manter o equilíbrio da interação e minimizar o ato de ameaça a face, utilizamos alguns recursos linguísticos, tais como os modalizadores. Ex.: “Esse vestido está relativamente bom”).</p> <p>30 - Exagere (modifica o estado das coisas no intuito de buscar a concordância ou aprovação do interlocutor. Ex.: “Eu tentei ligar uma centena de vezes, mas...”); 31 - Use tautologias (expressão que diz muito, enquanto não diz nada. Não fornece informação suficiente, mas gera concordância. Ex: provérbios ou sentenças, como “Guerra é guerra”);</p> <p>32 - Use contradições (a contradição não acrescenta um nível de informação necessário. Ex.: “Bem, John está aqui e não está”);</p> <p>33 - Seja irônico (essa estratégia é facilmente identificada em situações face a face, pois o tom de voz e os gestos contribuem para que o sentido seja recuperado. Em contexto de linguagem verbal, é recuperado através do contexto e de elementos paralinguísticos. Em algumas situações se aproxima das estratégias de impolidez e viola o princípio “seja polido”, pois utiliza a polidez superficialmente. Ex.: “John é realmente um gênio”);</p> <p>34 - Use metáforas (ela minimiza o comprometimento do</p>

	<p>interlocutor com o ato de fala proferido e lança no outro a responsabilidade pelo sentido escolhido. Ex.: “Harry é realmente um peixe”);</p> <p>35 - Use questões retóricas (é uma estratégia utilizada para desviar a atenção do outro para um determinado ato de fala. Ex.: “O que eu posso dizer?”);</p> <p>36 - Seja ambíguo (o fato de um determinado ato de fala permitir dois ou mais sentidos, pode ser uma forma de não estabelecer a cooperação comunicativa. Ex.: “John não é um tolo”);</p> <p>37 - Seja vago (essa estratégia institui em diferente nível distância interacional entre o falante e o ouvinte. De forma que ambos não compartilhem das mesmas informações. Ex.: “Eu estou indo, você sabe onde”);</p> <p>38 - Generalize (tem função de fundamentar um discurso por meio do senso comum, ou pela frequência que determinado evento acontece. Ex.: “Pessoas maduras, às vezes, ajudam com os pratos”);</p> <p>39 - Desloque o ouvinte (busca no outro uma forma de amenizar a ameaça de um determinado ato de fala. Ex.: “Vamos fazer a tarefa”. A utilização do plural não significa que quem proferiu o ato vai realizar a tarefa, mas outras pessoas a qual o ato foi direcionado);</p> <p>40 - Seja incompleto, use elipses (a omissão ou a falta de informação pode dar a entender que o interlocutor não quer ser cooperativo em um determinado ato comunicativo);</p>
--	--

Fonte: Martins (2013, p. 38)

Para evitar FTAs (Atos ameaçadores de face) ou pelo menos minimizar uma possível ameaça, os interactantes usam várias estratégias de polidez descritas no quadro acima. As estratégias *on-record* são aquelas que ocorrem quando a polidez é orientada para a face positiva ou negativa. As estratégias de Polidez *off-record* são aquelas que dependem de *implicação*. Essa estratégia é muito indireta e envolve a quebra de normas de conversação para sugerir um determinado curso de ação recomendado.

Propomos nesta pesquisa utilizar as estratégias de polidez elencadas por Brown e Levinson (1987) na análise do objeto desta pesquisa da seguinte maneira. Identificaremos quais estratégias de (im) polidez estão presentes nas postagens dos blogs analisadas,

verificando se são polidas ou impolidas e se utilizam a negação do racismo como forma de estratégia de face positiva, negativa ou *off-record*.

Não podemos deixar de considerar que segundo Culpeper (1996, p.1549-1550), os atos indiretos associados com a estratégia *bald-on-record*⁹ da teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987), ao invés de promover a polidez podem aumentar a impolidez por que a polidez e a impolidez são variáveis dependendo do contexto, situação, indivíduos envolvidos, variando com fatores como verbalização do enunciado, a meta comunicacional ou ilocucionária que está sendo empreendida, os comentários dos usuários dos blogs, público alvo e elementos extralinguísticos como imagens, gráficos e símbolos. Dessa forma, as seguintes estratégias propostas por Culpeper podem ser encontradas na análise do corpus desta pesquisa. Segue abaixo um quadro com essas estratégias.

Quadro 4 - Estratégias de (im)polidez de Culpeper

<p>Estratégias de output de impolidez positiva</p>	<p>a) Ignore, censure o outro - deixe de reconhecer a presença do outro;</p> <p>b) Exclua o outro de uma atividade;</p> <p>c) Desassociar o outro – por exemplo, negue associação ou comum acordo com o outro;</p> <p>d) Seja desinteressado, despreocupado e antipático;</p> <p>e) Use marcadores de identidade inapropriados – por exemplo use nome e sobrenome quando possui uma relacionamento próximo, ou o apelido quando pertence a um relacionamento distante;</p> <p>f) Use linguagem secreta e obscura – por exemplo, engane o outro com gíria, ou use um código conhecido por outros grupos, mas não o alvo;</p> <p>g) Busque discordar – selecione um tópico</p>
---	--

⁹ A tradução para o português de um conceito teórico oriundo da língua inglesa implica inúmeras vezes na perda de sentido desse conceito. Dessa forma, optamos por seguir o original, proposto pelo autor.

	<p>delicado;</p> <p>h) Faça o outro sentir desconfortável – por exemplo não evite o silêncio, piada, ou use conversa fiada;</p> <p>i) Use palavras que são tabus – blasfeme ou use linguagem profana ou abusiva. Chame de outros nomes – use nomações depreciativas.</p>
<p>Estratégias de output de impolidez negativa</p>	<p>a) Assustar – incutir uma crença de que uma ação prejudicial para o outro ocorrerá;</p> <p>b) Condescender, desprezar ou ridicularizar – enfatizar o seu poder relativo, seja desprezível;</p> <p>c) Não trate o outro seriamente. Menospreze o outro;</p> <p>d) Invada o espaço do outro- literalmente ou metaforicamente (ex: pergunte por, ou fale sobre algo que é muito íntimo em um dado relacionamento);</p> <p>e) Associar explicitamente o outro com um aspecto negativo – personalize use os pronomes “eu” e “você”;</p> <p>f) Coloque o endividamento do outro em questão.</p>

Fonte: Martins (2013, p. 67)

Poderá ocorrer que nem todas essas estratégias sejam encontradas nas postagens em blogs analisadas, como também poderá ocorrer que todas elas sejam encontradas. Apesar disso, admitimos que tanto a polidez positiva como a polidez negativa podem ocorrer de forma simultânea nos textos analisados. Essas categorias são de Culpeper (1996) que repensou as estratégias de (im) polidez de Brown e Levinson (1987), entretanto, ele não as anula enquanto teoria, ao contrário, amplia o campo de visão em relação às estratégias de polidez linguísticas utilizadas pelos interactantes. No próximo

tópico veremos como as estratégias de polidez linguística se aliam com o colonialismo e o racismo para validar uma sociedade brasileira cada vez mais racializada baseada no mito da democracia racial ao passo que promove o racismo de forma cada vez mais explícita.

1.10 Polidez linguística, colonialismo e racismo na sociedade brasileira

Segundo Silva (2017 *apud* BENTO, 2009), o racismo se constitui como valor de caráter neutro. “Pode-se até reconhecer as desigualdades raciais, porém estas não são necessariamente associadas a discriminação”. A raça como identidade acaba existindo apenas para os não-brancos enquanto ao branco é permitido evidenciá-la ou não numa interação (SILVA, 2017, *apud* PIZA, 2009).

Este caráter de neutralidade pode emergir, sendo uma espécie de camuflagem, tanto na linha que os falantes irão usar numa interação de fala, quanto na preservação de sua face e dos outros numa interação social. Para isso, o racismo poderia estar construído na face negativa, ou seja, “no conjunto de territórios do eu (corporal, espacial, bens materiais e simbólicos) que devem ser preservados na interação social” como também poderia estar na face positiva, no “conjunto de imagens valorativas de si mesmo a serem construídos, reconstruídos e impostos na interação social” (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 67) podendo estar relacionado a diversas estratégias de (im) polidez tanto positivas como negativas.

O preconceito racial, que tem suas representações sociais em fenômenos baseados na estereotipização da cor negra e por conseguinte das pessoas que carregam esse estigma junto a valorização social da cor branca e de suas representações sociais, pode aparecer como um dos vários componentes da (im)polidez linguística que são utilizados na escolha dos falantes em serem polidos ou impolidos. Isso de certo modo, complexifica os modos pelos quais os mecanismos de linguagem são utilizados pelos falantes na escolha de serem polidos ou não, porque a escala de poder e intimidade variavelmente pesará nos valores raciais impostos naquela interação fazendo com que as estratégias de (im) polidez usadas também variem de acordo com os valores raciais que estão ali inerentes.

O racismo que é inegavelmente um peso valorativo na aceitação ou não dos indivíduos em determinados ambientes sociais é um fenômeno que também pode aparecer na linguagem cotidiana ou sofisticada e que pode aparecer como polido desde que os falantes utilizem determinadas estratégias de (im)polidez com as quais uma fala

claramente racista deixa de ter seu peso ofensivo ao assumir um tom de tropo, de humor e até mesmo de marcador identitário ao determinar os espaços de fala de negros e de brancos.

Os valores sociais, segundo Munanga (1999) seriam, quando são convenientes revelar, ou seja, quando o que se está em jogo é a perda de vantagens ou privilégios, a apresentação valorativa de si baseada em privilégios raciais. Já na polidez negativa, em que está envolvida a ocultação de valores em que o indivíduo não quer revelar, principalmente para preservar sua própria fachada ou a de terceiros, estariam envolvidos, por exemplo, a autodeclaração de ser uma pessoa racista ou mesmo a ocultação, por parte do indivíduo, em pertencer a determinada raça (branco/preto). Isso porque, numa interação específica, o sujeito pode comprometer a sua própria fachada e a fachada que os outros esperam dele ao determinar seu pertencimento racial, por conseguinte, se comprometer a uma linha de comportamento e atos verbais que se esperam de brancos e de pretos.

O universalismo das análises sobre as representações discursivas na linguagem traz um teor de uniformização das experiências interativas e acreditamos que tal postura deva ser abandonada. Por mais que percebamos princípios universais de polidez e representações específicas para estas que se tornam um padrão, devemos sempre pensar que a linguagem é mutável e efêmera e que, novas e melhoradas formas de existência da (des) cortesia nas representações do racismo podem estar surgindo a todo tempo e velhas práticas discursivas sendo resignificadas. Cabe a nós, como proposto por Fanon (2008), ressignificar o conceito de humano, pois segundo ele, “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Dessa forma, o modelo de humano não é neutro, está pautado em uma série de valores culturais específicos e cabe a nós como linguistas ponderarmos que padrões discursivos são estes. Esses padrões discursivos, contudo, não estão apenas se desenrolando na cena presencial, ao contrário eles se constituem cada vez mais nos espaços virtuais. No contexto desta pesquisa, nos atentaremos para os contextos virtuais voltados para os blogs.

1.11 Interações Virtuais nos blogs

Para falar de espaços virtuais como formas efetivas de se comunicar, temos que lembrar a importância desses espaços para a geração chamada Y. Essa geração que

também é denominada como a geração da tecnologia, ocupa cada vez mais espaço nos setores sociais que resistem ao uso de tecnologias como celulares, tablets, notebooks e sobretudo internet. Se antes dos anos 2000 era comum mandarmos cartas, em apenas uma década estamos cada vez mais conectados e antenados com informações simultâneas e altas cobranças e demandas por rapidez e praticidade no cotidiano. As redes sociais transformam o cenário social no sentido de que além de atribuírem a comunicação facilitada, trazem consigo a exposição da vida social e do que ela representa no sentido econômico e político. Tomando como base a rede social blog temos um contínuo de rede empresarial, pessoal e coletiva de movimentos sociointerativos visando a conquista de algum grupo ou coletividade social. Segundo Martins (2013),

O blog é um espaço que alguém cria para compartilhar e discutir assuntos que são de interesse específico, porém o blog não funciona como um mural em que informações são postadas apenas para serem lidas, pelo contrário é um espaço de interação social” (p. 37).

Além disso, o blog tem termos e regras para os seus usuários utilizarem. Esses termos de uso são bem claros quanto a ofensa na web e procuram na medida do possível, cancelar as postagens consideradas ofensivas. Por isso, as estratégias de polidez são frequentemente mais utilizadas até mesmo em relação à realidade presencial justamente pelos termos de uso que limitam as ofensas que podem ser ditas. O racismo, que pode ter um carácter implícito, pode existir nas interações virtuais de forma bem mais implícita e velada ao recorrer a memes, gifs, emojis e imagens que tornam a ofensa com representações do racismo bem mais velada na interação social ao ocultar o verdadeiro carácter ou intenção de sua postagem.

As interações virtuais nos blogs têm uma natureza mais complexificada do que a realidade presencial. O que chamamos de “contexto” ao analisar uma situação, se complexifica nas redes sociais pois estas têm uma característica efêmera, mutável, instável e muitas vezes construídas e editadas de acordo com os usuários. Segundo Martins (2013),

“nos blogs vários atores sociais e elementos semióticos participam nesse processo plástico, que é a interação virtual. É notório que dessa forma o contexto circula de uma forma bem mais dinâmica, até pela própria configuração do ambiente virtual” (p. 39).

Nos Blogs *Voltemos à direita e Senso Incomum*, os próprios nomes dos blogs

podem ser considerados um jogo de linguagem¹⁰. *Voltemos à direita* se refere ao fato de que o Brasil era comunista e agora está se voltando para o seu verdadeiro lado, a direita. Já o blog *senso incomum* é uma versão contrária de Senso Comum. Estes blogs se propõem a pensar “contra a corrente”. Essa corrente a ser combatida seria comunista. Ambos os blogs inspiram confiabilidade, pois tem uma longa data de circulação na web - desde 2014. Suas postagens têm mais de 10 mil visualizações por dia e no geral são bem comentadas. As relações entre os blogueiros e as pessoas que comentam em seus blogs é assimétrica.

Não se pode supor que a interação em um blog seja totalmente horizontal e democrática, onde inexistem relações de poder. O blogueiro publica seus posts no espaço principal da página e pode deletar ou moderar os comentários, e até mesmo desabilitar tal funcionalidade. Para Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004), a relação entre blogueiros e leitores é notadamente assimétrica (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p. 4).

Isso não significa dizer que as pessoas que postam comentários não têm nenhum tipo de poder, ao contrário, quanto mais comentado é um blog mais visibilidade na web ele tem. Então, o blogueiro pondera os comentários de acordo com a lógica de sua publicação. No caso dos blogs *voltemos à direita* e *senso incomum*, a maioria dos comentários não é apagada, a não ser que este esteja divulgando outro blog ou então defendendo o que eles chamam de *comunismo*. Na próxima seção, trataremos da metodologia com a qual esta pesquisa irá desenvolver as estratégias que utilizam as representações sobre o racismo em blogs de direita.

2. METODOLOGIA

Congruente ao arcabouço teórico, a natureza deste estudo consiste em uma pesquisa descritiva e exploratória, de caráter qualitativo. O corpus dessa pesquisa será composto por 4 postagens com seus respectivos comentários. Essas quatro postagens serão retiradas dos blogs *voltemos à direita* e *senso incomum*. Retiramos duas postagens de cada blog para uma comparação de dados entre ambas. Nos propomos a analisar a linguagem do blog tanto verbal como imagética. Não nos propomos a utilizar categorias

¹⁰Para Wittgenstein (1953), cada situação comunicativa é como um jogo linguístico que tem suas regras, e cada falante, para interagir nessa situação, precisa conhecer as regras do jogo, porém cada jogada que será feita a partir das regras faz parte do universo social de cada um.

específicas para a análise imagética justamente porque elas são analisadas utilizando os pressupostos teóricos tratados na seção de fundamentação teórica e se atendo ao sentido de que as imagens só são importantes enquanto influenciam o sentido polido ou não polido impregnado nas postagens dos blogs. As imagens não tem importância fora desse contexto complementar para o conteúdo verbal que de fato interessa para esta pesquisa.

Relembrando que o objetivo desta dissertação é analisar as estratégias de (im)polidez que se mostram nas representações discursivas sobre o racismo em interações virtuais presentes em blogs. Estabelecemos, para alcançar tal intento, como objetivos específicos: a) caracterizar como as representações do racismo aparecem em interações virtuais nos blogs; b) descrever as estratégias de (im)polidez com representações racistas em interações virtuais e c) descrever a construção da face dos indivíduos ao utilizarem estratégias de (im) polidez linguística com representações do racismo em interações virtuais nos blogs. Para cumprir o objetivo geral e os objetivos específicos, nos apropriamos das estratégias de (im)polidez linguística que utilizam enunciados racistas porque elas tentam diminuir o potencial ofensivo, ou mesmo preservar a própria fachada e/ou a de terceiros.

Abordamos dois eixos teóricos no capítulo I que nos propiciam olhar para as interações virtuais em blogs com um olhar interdisciplinar, visto que as análises empreendidas na web exigem esse caráter de pesquisa. Iremos por meio de prints, selecionar as postagens que contenham representações do racismo listando as estratégias de (im) polidez e como elas funcionam para controlar as exposições de faces, mesmo que os atos de fala proferidos instaurem ofensas contra pessoas negras, fazendo surgir conflitos nas interações por meio de atos de fala polidos e impolidos, proferidos por homens e mulheres, interagentes dos blogs investigados. Estudar a (im) polidez linguística com representações do racismo no campo linguístico dos blogs na web é um desafio pois, não é comum a união dessas áreas. É inviável construir aqui um material metodológico rígido e padronizado principalmente se tratando de estudos usando a internet, pois este, além de ser um fenômeno considerado recente, é caracterizado como tendo uma natureza inconstante, mutável e efêmero. Além disso, os estudos da linguística que circulam nesse campo são novos e ainda percorrem um caminho de solidificação de teorias.

Muitas pesquisas recentes tratam da polidez aliada a algum tipo de discriminação, preconceito ou estigma como Martins (2013), Moreira (2016), Fonseca (1994) e Paiva (2008). Contudo essas pesquisas deixam um caminho para a continuidade dos estudos em

descortesia na linguagem aliados aos estigmas da sociedade contemporânea com a qual nos dispomos a fazer nesta dissertação. Essas pesquisas também permitem que continuemos rumo ao caminho de solidificação da descortesia na linguagem associada aos estigmas contemporâneos. Nesta pesquisa evidenciamos como o discurso racista produzido na perspectiva do branco, seleciona formas e recursos linguísticos com o mesmo efeito: segregação racial. Apesar, portanto, desse corpo de pesquisas que tematizam a união temática dos estudos sobre o racismo na linguagem – e, em menor medida, os estudos da (des) cortesia – ainda consideramos que tal discussão merece mais atenção e mais estofamento.

O aporte teórico-metodológico desta dissertação pode contribuir para uma discussão mais aprofundada do racismo na linguagem, deixando mais evidente as formas pelas quais o racismo velado ou negado funciona e discrimina na linguagem. Usando o conceito de Flick (2007, p.9), a pesquisa qualitativa seria abordada aqui como um “processo de compreender, descrever e algumas vezes explicar fenômenos sociais a partir de seu interior de diferentes formas”. Pegando a pesquisa a partir da visão da Linguística Aplicada que é uma macro área da pragmática ao qual a (im) polidez linguística está inserida, veríamos que, para além de achar soluções para os problemas da realidade, a Linguística Aplicada busca mesmo é compreender a realidade (PAIVA, 2014, p. 83). De acordo com nosso objetivo, esta pesquisa situa-se em caráter explicativo. A pesquisa explicativa definida por Gonçalves (2005, p. 66) “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”. Gil (2008, p. 28) esclarece que as pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. As estratégias de (im) polidez primeiro serão mapeadas em cada postagem analisada, levando-se em conta que alguns dessas estratégias já são comprovadas cientificamente como a negação do racismo estudada por Teun A. Van Dijk (2017). As estratégias propostas por Brown e Levinson (1983) só dizem respeito às regras gerais da (im) polidez linguística, mas elas sozinhas não explicam como as representações do racismo se constituem nos blogs. Essa discussão será efetivada por nós no capítulo de análise dos dados, ao qual iremos demonstrar como as propostas de estratégias de impolidez linguísticas se aliam as representações do racismo para racializar e estigmatizar a população negra. As estratégias de polidez linguística que serão analisadas no capítulo de análise de dados não foram usadas em um único modo de operação específico. O recurso utilizado é o print (impressão) que consiste na retirada de

uma captura de tela de uma página de web.

Para esta pesquisa interessa as categorias de Brown e Levinson (1983) que foram listadas no capítulo 1 desta dissertação. Cada uma dessas categorias será listada e nomeada de acordo com a sua numeração tabelada na página 53 desta pesquisa para cada postagem analisada. Repensamos com o mesmo intuito, as estratégias de (im) polidez de Brown e Levinson aliada às representações do racismo na linguagem justamente porque essas pesquisas não foram empreendidas na web e nem em blogs. Por isso, nossa metodologia foi pensada para se enquadrar na realidade virtual dos blogs e nos contextos de representações do racismo. Agora que contribuições metodológicas Brown e Levinson e outros autores trazem para esta pesquisa e quais as contribuições que este aporte teórico-metodológico pode dar a outras pesquisas. Isso veremos no próximo tópico.

2.1 Contribuições Teóricas para o método desta Pesquisa

As contribuições vindas do referencial teórico desta pesquisa analisam os enunciados com cunho racista por discutirem como a identidade social *negra* é construída, concebida e representada no Brasil e como a polidez na linguagem pode minimizar ou alterar um ato ameaçador de face contendo representações do racismo. Leech (1983) contribui para esta pesquisa ao estabelecer que as estratégias de (im) polidez envolveriam recursos de linguagem que tornam uma fala ofensiva em uma fala menos ofensiva, apontando que o território do outro e o território do self devem ser respeitados para que a fala ofensiva possa ser aceita como uma fala menos ofensiva. Dessa forma, nos blogs, por exemplo, existiriam um limite do que pode ser dito para que a postagem no blog possa ser encarada como polida e ser validada através de curtidas e comentários favoráveis. Leech também contribui para esta dissertação, ao elaborar as máximas de polidez, a meta social e a meta ilocucionária. A contribuição de Erving Goffman nesta pesquisa está no conceito de face, fachada, plateia e atores sociais no qual adotamos ao tratar os usuários dos blogs. As contribuições de Brown e Levinson estão na elaboração das estratégias de (im) polidez linguística e na determinação de que a polidez na linguagem é mediada pelas relações de poder e intimidade. Munanga propôs em seu livro, o branqueamento cultural e social (não somente de cor) da população brasileira e como isso ocasionou a identidade deteriorada de muitas pessoas dentro das periferias e fora delas. A contribuição de Munanga é mostrar como esse branqueamento tornou negativa a identidade sobretudo de pessoas negras e pardas forçando um auto ódio pelas suas

características e origens ligadas a população reconhecida como “negra/afrodescendente, o que reflete dentro do meio virtual nos blogs e por fim, a contribuição de Dijk é a estratégia de negação do racismo, ao qual é muito comum nas redes sociais de um modo geral.

Ao olhar de forma profundamente demorada e hermenêutica, com um senso interpretativo sobre os dados percebemos que esse aporte teórico-metodológico pode contribuir para uma discussão mais profunda e consistente sobre a questão da polidez linguística com representações do racismo e, dessa forma, contribuir para que a o racismo seja desnaturalizado e encarado como uma violência física que ceifa milhares de vidas todos os anos. Além disso, esse aporte teórico-metodológico contribui para a promoção da igualdade racial, sobretudo nas interações virtuais. Além dessas contribuições, saber qual o campo e os procedimentos de coleta de dados que são utilizados, ajuda na compreensão de que esta pesquisa tem um *lugar de fala* (RIBEIRO, 2019).

2.2 Campo de pesquisa e procedimentos de coleta de dados

Sobre o campo da pesquisa, queremos salientar que o blog tem, *grosso modo*, natureza multissemiótica do blog que une som, imagem e texto, além de propiciar um espaço para a interação entre vários participantes simultaneamente. A interação em blogs é o retorno do leitor sobre o conteúdo apresentado, além de ser uma discussão entre os interactantes sobre os conteúdos e temas propostos nos blogs. Os blogs analisados apresentam-se como favoráveis ao atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. A ideologia de seus conteúdos gira em torno do apoio à direita e à *extrema direita*. Ambos os blogs foram criados em 2016 e se declaram conservadores. O intuito é mostrar quais estratégias são usadas em cada blog, quais estratégias são comuns aos dois e quais são divergentes. Todas as estratégias de Impolidez Linguística estão codificadas em ordem numérica e serão apresentadas nas análises de acordo com a numeração. Propomos no capítulo de análise também, um quadro explicativo mostrando como se dá a associação de algumas estratégias de (im) polidez Linguística com as representações sobre o racismo.

O critério para a escolha dessas postagens foi a expressividade do conteúdo verbal e imagético que se relaciona diretamente com essa pesquisa e a sua proposta. Esse critério de escolha é validado porque as postagens são de blogs de direita autodeclarados conservadores e esta pesquisa relaciona-se tematicamente com o combate ao racismo e a

promoção da igualdade racial.

A primeira postagem é *Consciência Negra: A esquerda, seus assassinos e o preconceito racial* e a segunda é *Bebês racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata*, ambas do blog *Voltemos à direita*. A terceira é *Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul* e a quarta postagem é *Bolsonaro diz que índio é um ser humano igual a nós e será processado por racismo* do blog *Senso Incomum*. No tópico seguinte falaremos um pouco sobre a constituição de cada blog que será analisado no capítulo 4. Começaremos pelo blog *Voltemos a direita*.

2.3 Voltemos à Direita

O blog *Voltemos à direita* foi criado em 2016. As duas postagens analisadas nesta dissertação datam do mesmo ano de sua criação. Seu provedor de internet é o Cover News by Af Themes. O blog não tem um objetivo específico, mas é importante notar o que diz na descrição do autor do blog.

“Casado com Formou-se em História, mas não se deixou influenciar pelo pensamento marxista presente no meio universitário brasileiro. Escreveu de 2013 a 2015 no Blog *Última Arcádia* e com a experiência adquirida, idealizou o blog *Voltemos à Direita*. É autor do livro “Por que sou conservador”¹¹

A descrição presente neste perfil já diz por si só do que se trata o blog. Em sua descrição tem inclusive diversos comentários afirmando ter gostado do conteúdo do blog. O blog tem basicamente o objetivo de combater a *esquerda* seja em qual âmbito ela estiver. Na imagem abaixo podemos observar a popularidade desse blog na web com a listagem de seus seguidores e curtidas, além de uma descrição dizendo o que é o blog *Voltemos à direita*.

¹¹Para ver o perfil do autor acesse: <https://voltemosadireita.com.br/autores/>. Acesso em: 08/05/2021.

Figura 6: Descrição do blog Voltemos a Direita



Fonte: <https://www.facebook.com/voltemosadireita>. Acesso em: 15/04/2021.

Na descrição sobre o blog na imagem acima, podemos observar que o blog é autodeclarado de direita. O número de pessoas que curtem e seguem o blog é alto, o que salienta a sua popularidade. O blog também tem uma parte empresarial e uma fachada política, pois em sua descrição tem acesso linkado para a área de mídia e notícias. No próximo tópico veremos como é constituído o blog *Senso Incomum*.

2.4 Senso Incomum

O blog *Senso incomum* da mesma forma que o blog anterior não tem um objetivo específico estampado em sua capa, no entanto, sua descrição na página oficial do facebook diz muito sobre o tipo de conteúdo a que se propõe este blog. Na descrição vem dizendo - *Notícias, política, cultura e informação contra a corrente*. Essa corrente ao qual o blog se refere é à *esquerda* e da mesma forma que o blog *anterior*, ele tem o objetivo de combater os ideais de *esquerda* em qualquer âmbito. Ambos os blogs foram criados em 2016. As duas postagens retiradas datam de 2020. O blog *Senso incomum* é bem mais popular do que o blog *Voltemos à direita*. Na imagem abaixo podemos ver uma descrição da enorme quantidade de curtidas e de

seguidores em sua página.

Figura 7: Descrição do Blog Senso Incomum



Fonte: <https://sensoincomum.org/2020/01/24/bolsonaro-indio-racismo/>. Acesso em: 12/04/2021.

Diferentemente do blog apresentado na seção anterior, há um reforço da ideia apresentada no termo *contra a corrente*. Tanto a parte comercial como a parte dos noticiários pretendem combater a suposta ideologia de esquerda – referindo-se ao termo *contra a corrente*. Esse termo também remonta a rebeldia a que se pretende esse blog junto a afirmação de que este blog se pretende a superioridade em pensamentos, noticiais e mídia em relação a outros blogs de direita. Na imagem acima podemos ver a popularidade desse blog. Os números de curtidas e de seguidores podem ser considerados relevantes para afirmar sua aceitação quanto ao público. Na seção seguinte, exploraremos a parte comercial desses blogs e como essa parte empresarial e econômica implica no tipo de conteúdo e de postagem que serão elencados em cada postagem.

2.5 A parte Comercial dos Blogs *Voltemos à direita e Senso Incomum*

Recuero, Amaral e Montardo (2008) consideram os blogs como ferramenta de

comunicação e interação social, que funcionam como um espaço social de postagem e comentários que têm um impacto social. E o autor pode postar o que quiser, pensando em obter audiência que é mediada através dos comentários. Dependendo da audiência de um determinado blog, pode-se conseguir patrocinadores, e essa atividade vir a funcionar como uma possibilidade de trabalho remunerado. O patrocínio e a fama aumentam a credibilidade de um blog e, de certo modo, as postagens podem ter um impacto diferente de um blog que não tem o mesmo prestígio. Seria como afirmar que, *se todo mundo curte, se essas empresas patrocinam, deve ser bom* e essa publicidade é capaz de influenciar nas postagens, nos comentários e no grau de aceitação dos consumidores. No caso de nosso estudo, o blog *Senso Incomum* é patrocinado por uma grande empresa que possui uma abrangência na difusão de conteúdo digital e o blog *Voltemos à direita* é patrocinado pelos seus seguidores, dos quais alguns são famosos e influenciadores digitais.

Ambos os blogs a serem analisados nessa pesquisa são bastante populares e hospedados em portais conhecidos da grande mídia. Contudo, não consideramos que eles restrinjam a sua liberdade de opinião por serem parte de grandes mídias digitais da imprensa, visto que o ideal dos blogs *Senso Incomum* e *Voltemos a Direita* é supostamente revelar o *politicamente incorreto*, o que tradicionalmente outros meios de comunicação não veiculam que *é combater a esquerda e defender a moral e os bons costumes da família e do cristianismo*. O blog *Voltemos a direita* não tem um patrocinador específico, os usuários fazem doações para manter a página funcionando, além dos anúncios gerados nas postagens que rendem dinheiro ao proprietário do blog. Já o blog *Senso incomum* tem um grande patrocinador principal que é a Casa Blanca Estúdios, empresa subsidiária da rede Record de Televisão. Saber quem são os patrocinadores confere ao blog um *status* diferenciado e com certeza credibilidade, pois as empresas patrocinadoras são empresas importantes, comercialmente falando. A partir daqui iremos iniciar a análise propriamente dita desses blogs e do conteúdo de suas postagens no capítulo 3, intitulado Análise e Discussão dos Dados.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Inicialmente, um ponto importante a considerar é que, nos comentários dos blogs, os interagentes podem comentar dando sua opinião, pode apenas concordar clicando no ícone, ou ainda ler e não interagir. Os nomes dos usuários ficam expostos tanto no blog

Voltemos a direita como no blog *senso incomum*. Neste capítulo, serão analisadas algumas postagens à luz de nosso quadro metodológico, que mostra as estratégias de (im)polidez linguística de Brown e Levinson (1987), Leech (1983) e Culpepper (1996), articuladas com o conceito de face, plateia, fachada e atores sociais de Goffman (2012) fazendo uma ligação entre as categorias da polidez linguística e as representações do racismo na linguagem. Os conceitos repensados de Brown e Levinson nesta pesquisa se aplicam no sentido de que esses autores não incluíram como sua categoria de pesquisa a possibilidade de crianças e pessoas com problemas cognitivos realizarem/formularem – de caso pensado – os mecanismos de descortesia na linguagem. Esta pesquisa amplia a visão de Brown e Levinson e repensa essa concepção ao admitir e demonstrar que crianças e pessoas com problemas cognitivos podem ser autoras/autores conscientes de quais mecanismos devemos utilizar para tornar a nossa fala mais polida, preservando a nossa fachada e a dos outros.

Levando em consideração que o objetivo geral desta pesquisa é analisar as estratégias de (im)polidez que se mostram nas representações discursivas sobre o racismo em interações virtuais presentes em blogs, iremos em cada postagem apresentada nesta sessão, caracterizar como as representações do racismo aparecem em interações virtuais nos blogs ou seja de que forma aparecem e associadas a quê. Descreveremos as estratégias de (im)polidez com representações racistas em interações virtuais e por último, iremos descrever a construção da face dos indivíduos ao utilizarem estratégias de (im) polidez linguística com representações do racismo em interações virtuais nos blogs.

É importante esclarecer que, nas postagens, nem todas as representações do racismo e nem todas as estratégias de polidez serão consideradas. Isso se deve pelo simples fato de que nem todas as postagens analisadas contemplam todas as formas de representações do racismo e de estratégias de polidez que foram propostas. A análise procura articular, na medida do possível dentro do gênero dissertação, o foco das representações do racismo na linguagem enquanto formas de opressão e as estratégias de (im)polidez linguística. Não necessariamente nesta ordem, nem necessariamente contemplando todos esses tópicos, pois consideramos a flexibilidade e a fluidez que permeiam todas essas representações raciais e essas estratégias. A seguir apresentamos uma organização analítica em categorias associando a estratégia de (im) polidez associada à sua representação do racismo.

Quadro 5: Ato Impolido e sua representação do racismo.

Ato de (Im) polidez com Racismo	Representações do racismo
1. Não existe racismo (negação)	1. Democracia Racial universal
2. Não existe racismo no brasil	2. Mestiçagem a brasileira
3. O racismo é culpa dos negros	3. Colonialismo português
4. Racismo é igual vitimismo	4. Escravidão
5. Eu não sou racista, você que é	5. Autoritarismo baseado na Raça
6. Nem tudo se trata de Racismo	6. Hegemonia do lugar de Fala branco
7. Ser anti-racista é ser mimado	7. Hegemonia do privilegio Branco
8. Apenas eu posso explicar o que é racismo	9. Hegemonia do privilegio Branco
10. Personagem x é um exemplo de negro de verdade.	11 - Apropriação Cultural e/ou Esteriotipização
12 - Macumba é coisa do Diabo	12 - Intolerância Religiosa Baseada no Racismo.
13 - Todos podemos usar x que os negros usam	13 - Apropriação Cultural
14 - Não sou racista, até tenho amigos negros	14 - O negro é exótico.

Fonte: Elaboração da Autora

Esse quadro foi criado baseado nos dois eixos teóricos desta dissertação que são compostos pelo eixo I- Descortesia na Linguagem e o Eixo II – Representações do racismo na linguagem. O quadro apresenta uma associação com o ato (im)polido e a sua representação racial. Logo abaixo apresentamos as estratégias que estão associadas a cada ato impolido e a sua representação sobre o racismo.

Quadro 6: Estratégias associadas de Im(polidez) Linguística: Racismo e (im)polidez

Estratégias de (Im) polidez Associadas
3 - Use marcadores de identidade e grupo no discurso (expressões linguísticas que identificam a formalidade e a camaradagem; o nível de polidez é balanceado dependendo do nível de distância social entre os interlocutores). Associa-se com 10, 13 e 14.
5 - Distancie-se da discordância (evitar a discordância na interação, utilizando as repetições e exageros); Associa-se com 14, 7 e 6.
7 - Aceite, aumente, delimite o terreno comum (demonstrar ao ouvinte que compartilha de um determinado conhecimento, geralmente ao utilizar a expressão: “Eu sei”). Associa-se com 13 e 10.
13 - Forneça ou peça razões (estratégia utilizada a fim de estabelecer algum vínculo entre os interlocutores. É utilizada para fazer uma oferta de ajuda). Associa-se com 3, 4 e 8.
15 - Forneça presentes ao ouvinte (qualidades, simpatia, entendimento, cooperação) (não precisa ser necessariamente objeto, mas sim elogios ou demonstrações de sentimentos a fim de facilitar a interação); Associa-se com 10 mas também eventualmente 14.
23 - Categorize um ato de ameaça à face como uma regra geral (a generalização, utilizando um provérbio ou conhecimento do senso comum, é uma forma de se eximir do que está sendo dito. Ex.: “Nós não sentamos em mesas, nós sentamos em cadeiras, Jonhny”). Associa-se com 1, 2 e 7.
30 - Exagere (modifica o estado das coisas no intuito de buscar a concordância ou aprovação do interlocutor. Ex.: “Eu tentei ligar uma centena de vezes, mas...”); 31 - Use tautologias (expressão que diz muito, enquanto não diz nada. Não fornece informação suficiente, mas gera concordância. Ex: provérbios ou sentenças, como “Guerra é guerra”). Associa-se com 3 e 6.
32 - Use contradições (a contradição não acrescenta um nível de informação necessário. Ex.: “Bem, John está aqui e não está”). Associa-se com 14 e 8.
33 - Seja irônico (essa estratégia é facilmente identificada em situações face a face, pois o tom de voz e os gestos contribuem para que o sentido seja recuperado. Em contexto de linguagem verbal, é recuperado através do contexto e de elementos paralinguísticos. Em algumas situações se aproxima das estratégias de impolidez e viola o princípio “seja polido”, pois utiliza a polidez superficialmente. Ex.: “John é realmente um gênio”); Associa-se com 5, 7 e 14.

38 - **Generalize** (tem função de fundamentar um discurso por meio do senso comum, ou pela frequência que determinado evento acontece. Ex.: “Pessoas maduras, às vezes, ajudam com os pratos” – Associa-se com 1 e 2.

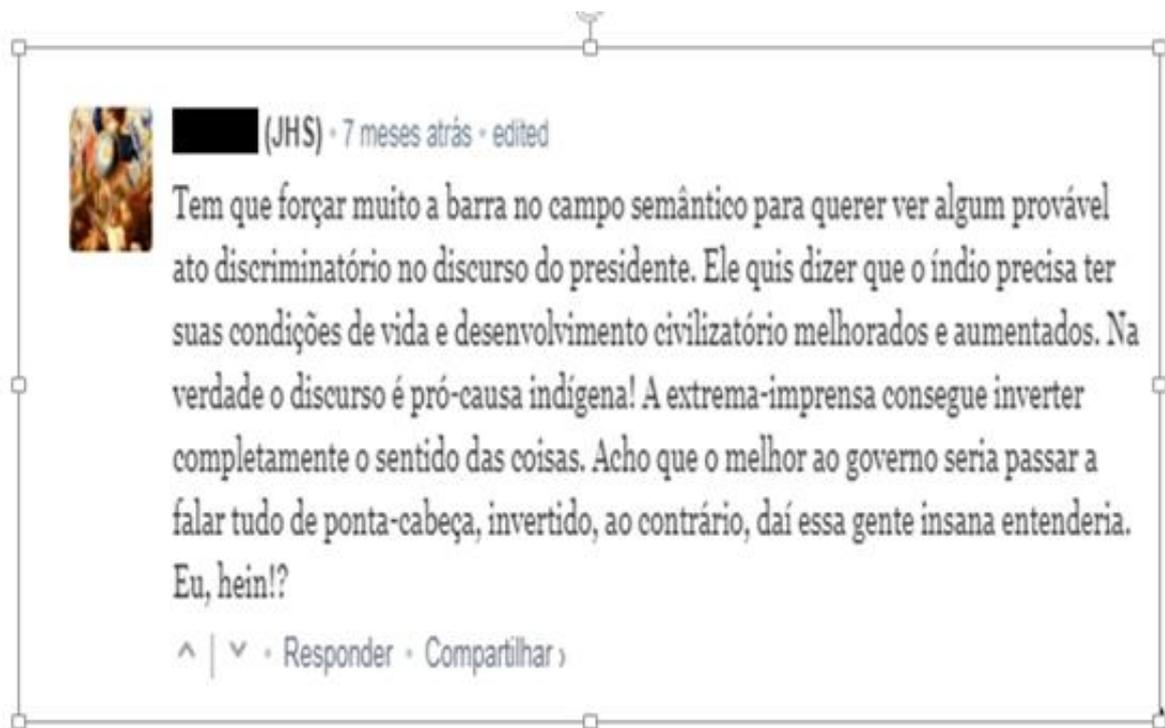
Fonte: Elaboração da Autora

A associação do ato impolido com sua representação racial e a estratégia de (im)polidez que vem associada a ela, não necessariamente quer dizer que em todas as situações de linguagem ocorra dessa forma. Por exemplo, **Use contradições**, geralmente está associado aos atos impolidos e as representações do racismo listadas em 14 e 8 pois não ser racista e ter amigos negros é uma contradição que geralmente passa despercebida, assim como o autoritarismo sobre o que é racismo é uma contradição, já que geralmente todas as pessoas sabem dizer o que é racismo. Todavia, não ser racista e ter amigos negros pode ser associado a outras estratégias de (im) polidez linguística propostas por Brown e Levinson (1987). Todas as estratégias mencionadas na análise dos prints podem ser encontradas no quadro proposto no capítulo de fundamentação teórica desta pesquisa. Não pretendemos aqui dar conta de tudo, ao contrário, expressamos esta análise para suscitar a continuidade desta temática por outras pesquisadoras (es). Por uma questão de organização, seguimos a sequência *postagem* – comentário. Em alguns momentos serão analisados apenas a *postagem* e em outras apenas o comentário.

Post 1 - (ANEXO 1) Bolsonaro diz que índio é um ser humano igual a nós e será processado por racismo
 Quantidade de comentários: 10
 Curtidas: 136
 Data da postagem: 24 de janeiro de 2020
 Endereço: <https://sensoincomum.org/2020/01/24/bolsonaro-indio-racismo/>.

Na imagem abaixo temos um comentário retirado do blog *Senso incomum* em uma postagem em que o presidente Jair Messias Bolsonaro foi acusado de racismo contra os indígenas;

Figura 8 - Bolsonaro diz que índio é um ser humano igual a nós e será processado por racismo



Fonte: <https://sensoincomum.org/2020/01/24/bolsonaro-indio-racismo/>.

No comentário acima podemos ver estratégias *on-record* de polidez positiva quando o recurso linguístico “tem que forçar a barra” entra na estratégia **19. Minimizar a imposição**. “Ele quis dizer” indica um movimento defensivo e retórico de explicação. A segunda frase claramente é uma estratégia de polidez orientada para a face positiva. O argumento do comentário acima gira em torno de convencer o leitor de que as *postagens* não são uma ofensa aos indígenas, pelo contrário, eles o reforçam e que quem discorda desse argumento é a extrema-imprensa (**estratégia: Impessoalizar o ouvinte**) que não tem capacidade intelectual para entender um simples argumento. Podemos observar isso na última linha quando o (JHS) sugere que o governo deva falar *tudo ao contrário* para poder ser entendido. A postagem do blog mostrando Bolsonaro como amigo dos indígenas e sendo acusado de racismo, por isso indica algumas marcas da estratégia 3. “Usar marcas de identidade do grupo” de polidez positiva e que aparecem evidentes neste comentário, pois podemos observar que JHS se põe ao lado dos que defendem o presidente Jair Messias Bolsonaro. A forma como encara o termo “índio” indica um conflito ideológico da mestiçagem no Brasil e de um modo geral, da herança colonial dos povos colonizados (MUNANGA, 1999; FANON, 2008) e que aparecem na ideia de que os índios seriam um bando de coitados e que o presidente era considerado racista porque

queria ajudar os índios a deixarem sua vida miserável nas aldeias. Na próxima postagem, também veremos um exemplo de contradição.

Post 2 - (ANEXO 2) Consciência negra: a esquerda, seus assassinos e o preconceito racial.
Quantidade de comentários: 3
Curtidas: 83
Data da postagem: 31 de agosto de 2016
Endereço: <https://voltemosadireita.com.br/consciencia-negra-a-esquerda-seus-assassinos-e-o-preconceito-racial/>

Figura 9 - Consciência negra: a esquerda, seus assassinos e o preconceito racial



Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/consciencia-negra-a-esquerda-seus-assassinos-e-o-preconceito-racial/>.

Na postagem acima temos a combinação de elementos verbais com recursos imagéticos. Os elementos verbais são o próprio título da postagem "Consciência Negra, seus assassinos e o preconceito racial" e os elementos imagéticos se constituem com o símbolo do comunismo combinado com uma caneta. A imagem é acompanhada da seguinte frase: "Doutrinação Ideológica, diga não". Os enunciados têm uma rede de compartilhamentos de valores culturais e sociais que estão presentes numa interação

virtual. Para entender esta postagem, os interactantes tem que compartilhar certos valores linguísticos com o produtor da postagem, do contrário não conseguirá entendê-la. Esses valores perpassam o entendimento do que significa o comunismo no Brasil atualmente. Segundo o autor da postagem, o comunismo está tentando dominar o mundo através das escolas e isso seria uma espécie de doutrinação ou alienação ideológica. Aqui, o indivíduo está focado em cumprir sua meta social ao invés da meta ilocucionária. Nesta postagem, tem um ato ameaçador de face orientado para a polidez *off-record* com as seguintes estratégias - **Seja ambíguo, Generalize.** Teria ainda estratégias output de impolidez positiva propostas por Culpeper - **Use palavras que são Tabus.**

Nessa postagem, mesmo correndo o risco de ser impolido, o autor escolheu ser claro. A associação da “consciência negra” que se remete a data comemorativa com “seus assassinos” e a imagem da “doutrinação comunista nas escolas” contêm uma estratégia de (im) polidez linguística com a representação do racismo proposta por Fanon (2008), a de que a identidade do negro está deteriorada com a caricaturização e distorção do seu significado original. Essa distorção da imagem também é discutida por Ribeiro (2019) ao qual ela denomina de “apropriação cultural”. A postagem que iremos analisar a seguir é uma continuação da anterior.

Figura 10 - Consciência negra: a esquerda, seus assassinos e o preconceito racial

Ao impor, por força de lei o dia da “consciência negra”, a esquerda radical ou não, presta-se a celebrar, não a luta pelo fim da escravidão, não a luta contra o preconceito. A celebração que se busca fazer anualmente, no dia 20 de novembro, é enaltecer os feitos de um assassino e tirano.

A Lei 12.519, de 10 de novembro de 2011, institui o dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Zumbi dos Palmares tinha escravos e capitães-do-mato a seu serviço. Zumbi dos Palmares, não somente assassinou seu tio, mas também, assassinava qualquer negro que tentava fugir do seu quilombo.

Homenagear assassinos, esconder seus crimes para que sejam vistos como grandes líderes e heróis, é algo que a esquerda comunista faz com maestria, e Zumbi dos Palmares é um exemplo inequívoco disso. Assim como Che Guevara, Mao, Fidel Castro, etc.

De forma antidemocrática e anti-Institucional, criou-se o dia da “consciência negra”. Antidemocrático porque vai contra a ideia de que todos são iguais perante a sociedade e as leis. Anti-Institucional porque, sendo o preconceito crime, fomenta, ano a ano, a divisão e o ódio de cor.

Como resta evidente, o dia da “consciência negra” em nada combate o preconceito, antes, o reforça.

Nas escolas de São Paulo e Brasil afora, o modelo de negro ideal, a ser enaltecido e festejado, é, repito, um assassino, escravagista e tirano, enquanto que deliberadamente ou não, esquece-se que um dos maiores expoentes da nossa literatura, senão o maior, Machado de Assis, era negro, neto de escravos alforriados e por seu trabalho, talento e dedicação, alcançou fama e sucesso, sendo aclamado, ainda em vida, por negros, mulatos e brancos.

Zumbi dos Palmares é estudado nas escolas. Machado de Assis, não. Zumbi, é o revolucionário. Machado de Assis, não. E assim, caminhamos para um profundo emburrecimento de jovens que nada mais fazem do que criar uma pseudo “consciência” que só serve para invadir escolas e aceitar qualquer porcaria como manifestação cultural, porque pobre, porque da periferia, porque negro.

Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/consciencia-negra-a-esquerda-seus-assassinos-e-o-preconceito-racial/>.

O argumento do autor da postagem acima gira em torno de provar que Zumbi dos Palmares é, na verdade, um assassino enaltecido pela “esquerda”. Supostamente, Zumbi tinha matado seu próprio tio junto a qualquer negro que fugisse do quilombo. Em vários momentos desta postagem, vemos a **negação do racismo** como estratégia para minimizá-lo. A lógica é bem simples, não podemos nos retratar por algo que não existe, então quando ele afirma “Antidemocrático porque vai contra a ideia de que todos são iguais perante a sociedade e as leis. Anti-Institucional porque, sendo o preconceito crime, fomenta, ano a ano, a divisão e o ódio de cor”, o autor da postagem propõe que não existe

racismo porque todos somos iguais perante a lei. Associando isso à mestiçagem, outra representação do racismo trabalhada por Munanga (1999), podemos afirmar que estamos diante do *racismo à brasileira*.

Tem-se ainda uma outra representação que é o racismo reverso. O racismo reverso se constitui quando se acusa que os brancos sofrem igual preconceito racial que os negros, de tal forma que alegar racismo seria um equívoco porque a discriminação ocorreria para todos. Essa representação fica evidente no excerto “o dia da “*consciência negra*” em nada combate o preconceito, antes, o reforça”. No final desse trecho ainda aparece o que Fanon (2008) e Ribeiro (2019) denomina como a distorção ou caricaturalização dos símbolos da *cultura negra*. No caso, o quilombo dos Palmares é esse símbolo e ele é ressignificado nesta postagem e caricaturizado como algo negativo ligado ao *assassino* Zumbi dos Palmares. Em todas essas representações do racismo existem **Atos Ameaçadores de Face**. O produtor da postagem tenta minimizar seus atos de fala recorrendo à argumentação de que “deliberadamente ou não, esquece-se que um dos maiores expoentes da nossa literatura, senão o maior, Machado de Assis, era negro, neto de escravos alforriados e por seu trabalho, talento e dedicação, alcançou fama e sucesso, sendo aclamado, ainda em vida, por negros, mulatos e brancos”. Aqui temos o embranquecimento cultural a que chama Munanga (1999) de símbolos da *cultura negra*.

Podemos encontrar nesta postagem as estratégias *on-record* de (im) polidez positiva – 9 a qual sugere que **aceite, aumente, delimite território em comum** e 13 onde é sugerido que **forneça ou peça razões**. Também temos nesta postagem estratégias *output* de polidez positiva - Ignore, censure o outro, G) **busque discordar** e estratégias de *output* de polidez negativa - F) **Associe explicitamente o outro com um aspecto negativo**.

A imagem do self é delineado em termos de atributos socialmente aprovados, mesmo contendo atos ameaçadores de face e se constituindo um embate entre a meta ilocucionária e a meta social, esses valores são compartilhados na comunidade linguística do autor da postagem mesmo tendo valores impolidos. Nos ambientes virtuais não temos uma plateia física (comunidade de interactantes/apoiadores do blog), mas temos uma plateia que aprova ou desaprova seu conteúdo através de comentários e/ou curtidas. Os comentários a seguir são referentes a esse retorno que o leitor dá aos autores do blog.

Figura 11 - Consciência negra: a esquerda, seus assassinos e o preconceito racial

3 thoughts on “Consciência Negra: A esquerda, seus assassinos e o preconceito racial”

 Murilo disse:
31 de agosto de 2016 às 07:45

Muito bom artigo. Concordo com tudo que foi dito. Mas fiquei com dúvida no termo “anti-inconstitucional”, onde acredito que o correto seria remover o “anti”. Favor avaliar. Abraço!

Responder

 Jakson Miranda disse:
31 de agosto de 2016 às 13:53

Boa tarde, Murilo. Obrigado pela leitura e pelo oportuno comentário. Aceitamos e faremos a alteração.

Assine nossa newsletter e receba nossos artigos em seu e-mail.

Abraço,
Jakson

Responder

 POUPOUL disse:
6 de novembro de 2018 às 11:03

Obrigado pela informação. Muito útil ! Aconselho-o a verificar o website <http://calendario-feriados-brasil.com.br/quantos-feriados/consciencia-negra/> para mais informações sobre o dia da consciencia negra

Responder

Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/consciencia-negra-a-esquerda-seus-assassinos-e-o-preconceito-racial/>

Os comentários acima apresentam algumas estratégias de polidez orientadas para a face positiva. O primeiro comentário contém a estratégia *on-record* de polidez 4; Procure concordar. O segundo comentário também tem estratégias *on-record* 7: Aceite, aumente ou delimite o território do outro e a estratégia 15: forneça presentes ao ouvinte. No comentário acima não existe nenhum ato ameaçador de face, contudo, podemos observar nele que as relações de poder e de intimidade mediam a polidez linguística, através das marcas de formalidade presentes nos cumprimentos e nas saudações provando a teoria de Brown e Levinson (1987) de que a polidez linguística é mediada pelas relações de poder e de intimidade. Apesar de não percebemos nenhuma hierarquia racial pautando as relações de poder, observamos que a hierarquia social é constituída pelo dono do blog e pelos comentários presentes. Essa mesma hierarquia social não pode ser vista na figura abaixo, em que se apresenta a imagem do ex-presidente em consonância com a baixa popularidade dos jovens. Na figura abaixo vamos perceber que as vezes a hierarquia é

claramente racial.

Post 3 - (ANEXO 3) Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul
 Quantidade de comentários: 0
 Curtidas: 180
 Data da postagem: 23 de outubro de 2018
 Endereço: <https://voltemosadireita.com.br/admita-voce-so-nao-gosta-de-trump-para-parecer-descolado-com-os-amigos-da-facul/>

Figura 12 - Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul



Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/admita-voce-so-nao-gosta-de-trump-para-parecer-descolado-com-os-amigos-da-facul/>.

A postagem acima apresenta a capa inicial com a foto de Donald Trump, ex-presidente dos EUA. Aqui encontramos estratégias *off-record* de polidez linguística - **26. Faça insinuações e 28. Pressupunha.** O ex-presidente Donald Trump tornou-se ao longo de seu mandato, um símbolo de conservadorismo. A imagem dele associada ao título

demonstra alguns recursos linguísticos com recursos imagéticos para apontar ao leitor que na faculdade as pessoas não são conservadoras e que uma pessoa que afirma não gostar de Donald Trump, na verdade, só quer parecer “descolado” com seus colegas de faculdade. Nesta postagem, o ato ameaçador de face é a própria imagem do Donald Trump. Os atos ameaçadores de face podem vir através de recursos imagéticos sobretudo, na web em gêneros como tirinhas, caricaturas, anúncios, etc. em que as imagens usadas nos textos não se apresentam apenas como complemento de sentido. Elas compõem a sintaxe visual em textos em que a verbo-visualidade são a base desse tipo de produção. Por suas declarações anti-américa latina e consideradas extremamente discriminatórias, Donald Trump, associado ao título dessa postagem, constitui uma forma de impolidez pautada pelas relações raciais, visto que este é anterior à Barak Obama (primeiro presidente negro dos EUA), sendo considerado a volta ao conservadorismo *branco americano*. A postagem abaixo é a continuação da primeira desta capa inicial da página.

Figura 13 - Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul

Artigo de Flávio Morgenstern, publicado no [Senso Incomum](#):

Hillary Clinton tinha preferência sobre Donald Trump em todos os países do mundo, exceto a Rússia. Por que Donald Trump é uma figura tão detestada? Pergunte para um transeunte aleatório, e qualquer pessoa é capaz de apostar que a resposta envolverá as palavras racismo, machismo, homofobia, xenofobia, preconceito e suas variantes. Sua retórica é agressiva. Ele é grosseiro e politicamente incorreto.

Por uma coincidência com precisão cirúrgica, são exatamente os termos com que um dos lados do espectro político, aquele mais em voga, acusa simplesmente *tudo* do outro lado. Uma pergunta simples pode ser reveladora: que concorrente de Hillary Clinton ou qualquer Democrata NÃO seria chamado precisamente pelas mesmas pechas?

Não se trata, evidentemente, de algo na política de Donald Trump. Em sua visão sobre o combate ao terrorismo. Sobre a OTAN. Sobre os empregos, os salários, a segurança, a economia, a visão de juízes para a Suprema Corte (fato que pode determinar a jurisprudência e eleições americanas pelas próximas três décadas), sobre sua visão para a educação, a saúde, o crescimento.

Nada disso tem nada de fascista – nenhum sinal de Estado total e militarismo exacerbado (Putin, aliás, preferia Trump *exatamente por isso*). O candidato “que odeia latinos” foi o único a visitar o México, país com população imigrante que votou em peso no republicano na Flórida, estado mais latino da América. Seu “machismo” mais explícito envolveu um comentário típico do que pessoas falam em privado, inclusive muitas mulheres (quando são pudicas como Marcela Temer, *as mesmas* pessoas reclamam da falta de palavras). Nada comparável à [rede de pedofilia de Anthony Weiner](#), marido da principal assessora de Hillary Clinton, por exemplo, embora isso não seja falado pela mídia.

Portanto, não se odeia Donald Trump por algo em Donald Trump. Odeia-se Donald Trump pelo que se é associado ao se falar em Donald Trump. Ou, dizendo em inglês, com a força maior de uma preposição no fim da frase, *you don't hate Trump by what he is, but by what you get associated with*.

Se você não é a favor da política de *open borders*, de destruir as fronteiras dos países em prol de uma gestão transnacional (geralmente através de ONGs e a super ONG, a ONU), por burocratas não-eleitos, então você será *associado* com a “xenofobia”, o que nada tem a ver com o que você (ou Donald Trump) pensa.

Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/admita-voce-so-nao-gosta-de-trump-para-parecer-descolado-com-os-amigos-da-facul/>

Na continuação da postagem acima que foi uma versão replicada do blog “senso incomum”, temos vários elementos linguísticos que demonstram a defesa de Donald Trump em relação a Hillary Clinton. Segundo o trecho da postagem, que é composta de 30 linhas, Donald não é machista e nem anti-latino, suas propostas e considerações são anti-esquerda e anti-ONU. Dessa forma, ele seria acusado de machista e homofóbico não porque é o Donald Trump e sim, porque defende valores tradicionais que outros não defendem.

O contexto temporal desta postagem está situado nas eleições americanas de 2016 em que os candidatos mais fortes e mais acirrados eram Donald Trump e Hillary Clinton. Nesta postagem, temos alguns traços do *Racismo reverso*. A argumentação é a de que

Trump não é antilatino, ao contrário, ele foi o único a visitar o México, portanto, se Trump emitiu qualquer ato ameaçador de face em direção a esta população foi com o intuito de defendê-la e não criticá-la. Mediada pelo *racismo reverso*, temos uma estratégia *on-record* direcionada a face positiva – **17: questione, restrinja-se** e algumas estratégias *off-record* – **31: Use contradições; 38: Generalize**. Achamos ainda uma estratégia *output* de im polidez negativa - e) associar explicitamente o outro com um aspecto negativo, que aparece no final do trecho quando Hillary Clinton é associada a rede de pedofia que, supostamente, é mantida por seu marido.

A figura de Donald Trump, como na postagem anterior, é um símbolo de conservadorismo, do movimento anti-imigração, anti-latino e anticomunismo. A meta social e a meta ilocucionária nesta postagem competem entre si. O autor da postagem decidiu ser claro ao invés de polido expondo a sua face e a de quem o apoia nesta postagem de blog. O autor da postagem tenta minimizar seus atos ameaçadores de face ao tentar diminuir e/ou modificar as ofensas e a imagem retratada por Donald Trump em uma imagem coletiva em termos de valores socialmente aprovados por sua comunidade linguística e até como uma tentativa de convencer pessoas que ele considera como “esquerdistas”. A discriminação seja ela de qual tipo for – racial inclusive – vem, frequentemente, em formato velado, oculto sob a égide dos bons costumes e dos valores tradicionais da família. Essa postagem traz um exemplo clássico quanto a isso, ao defender falas explicitamente discriminatórias de Donald Trump em favor da “moral e dos bons costumes”. Os valores a serem defendidos pela família tradicional brasileira são ainda mais acentuados quando se trata de crianças ou bebês. Esses valores que apelam para os bons costumes e a boa moral fazem referência à intolerância religiosa baseada na raça e isso veremos na figura abaixo.

Post 4 - (ANEXO 6) Bebês Racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata
Quantidade de comentários: 2
Curtidas: 50
Data da postagem: 10 de maio de 2019
Endereço: <https://voltemosadireita.com.br/bebes-racistas-absurdo-da-esquerda-psicopata/>.

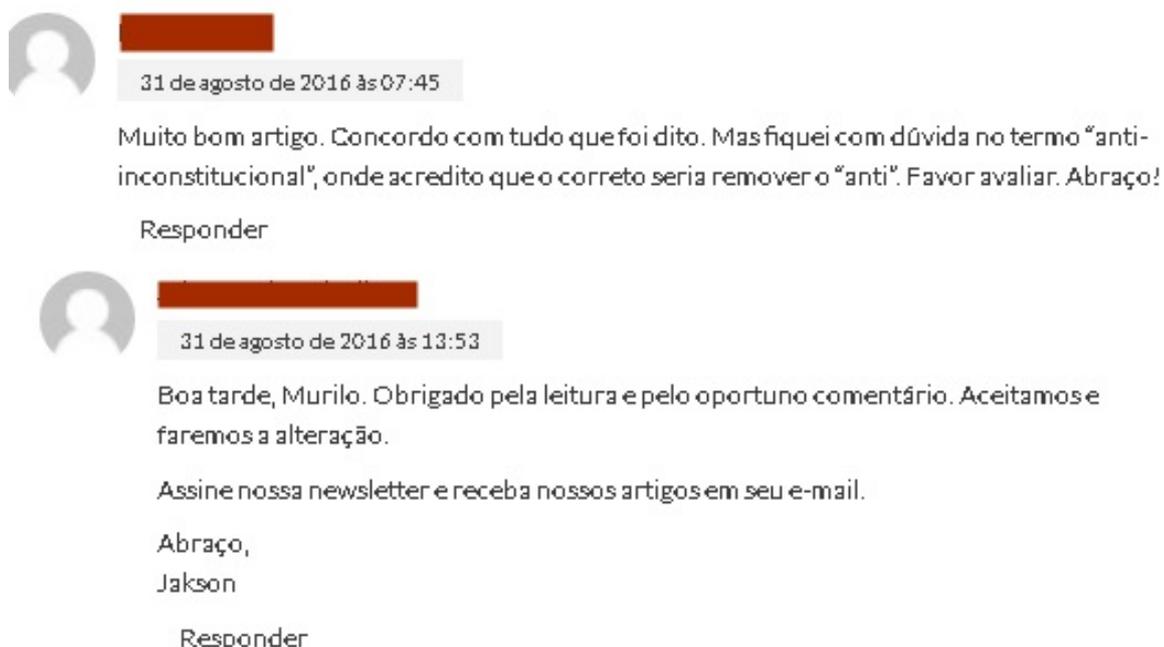
Figura 14 - Bebês Racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata



Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/bebes-racistas-absurdo-da-esquerda-psicopata/>.

Na postagem acima temos recursos linguísticos combinados com recursos imagéticos. O título da postagem chama a atenção para denúncia de que os bebês estão sendo acusados de racismo e esse novo absurdo está sendo propagado pela *esquerda psicopata*. O interessante é a combinação desse título com a imagem de um bebê branco. A associação entre essa imagem e o título traz algumas estratégias *off-record* – 26: Faça insinuações; 27: Forneça pistas associativas e 38: Generalize. Segundo Munanga (1999) e Fanon (2008), o racismo é encarado como um absurdo, um exagero e essa postagem é um exemplo disso. Empreendemos do título dessa postagem que *tudo é racismo hoje em dia, incluindo os bebês*. A percepção de que o negro é vitimista advém de longa data e é expressa nos absurdos de que *agora até crianças indefesas são acusadas de racismo*. A representação do racismo contida neste post é *racismo é vitimismo*. Esta é uma relação de poder que media as estratégias *off-record* ao dimensioná-las para o leitor do blog à imagem de que o *vitimismo dos negros* não deixou escapar nem mesmo os bebês e a associação entre esquerda psicopata e racismo.

Figura 15



Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/consciencia-negra-a-esquerda-seus-assassinos-e-o-preconceito-racial/>. Acesso em 15/03/21.

No comentário acima, que é um retorno da postagem intitulada *consciência negra: a esquerda, seus assassinos e o preconceito racial*. Podemos perceber um nível de intimidade entre os autores do comentário 1 e do comentário 2. Percebemos esse nível de intimidade quando a pessoa do comentário 1 lhe cumprimenta com uma “boa tarde” e, logo em seguida, o chama pelo nome. Percebemos que esse nível de intimidade é formal pela estrutura frásica parecida com um e-mail. Esta estrutura ocorre quando lhe é oferecido a assinatura da *newsletter* do blog de forma comercial.

No comentário acima podemos perceber que não existe nenhum ato ameaçador de face, contudo estão presentes elementos linguísticos que indicam as relações de poder e intimidade. Se as relações de poder e intimidade estivessem desequilibradas, muito provavelmente existiria um ato ameaçador de face.

Post 4 - (ANEXO 6) Bebês Racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata
 Quantidade de comentários: 2
 Curtidas: 50
 Data da postagem: 10 de maio de 2019
 Endereço: <https://voltemosadireita.com.br/bebes-racistas-absurdo-da-esquerda-psicopata/>.

Figura 16 - Bebês Racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata

À medida que os Estados Unidos consolidaram-se como nação, também a maioria das empresas amadureceu a ponto de conseguir selecionar seus trabalhadores com base em critérios totalmente diversos daquela análise simplista fundada na etnia. Atualmente, os departamentos de recursos humanos de grandes corporações conseguem traçar um perfil completo de cada candidato, a fim de constatar qual deles apresenta maior potencial para determinada atividade, deixando de lado, destarte, a questão étnica.

Tudo em nome de maximizar os lucros e reduzir os prejuízos, por óbvio. Estes são os estímulos que levam um patrão machista a contratar uma mulher competente no lugar de um homem relapso, por exemplo. Em decorrência, empresas públicas ou organizações sem fins lucrativos, as quais não possuem tais estímulos, podem “se dar ao luxo” de serem racistas sem graves consequências.

Direcionando tal lógica ao bebê: é claro que ele não é capaz de discernir entre pessoas boas e ruins quando ainda sequer consegue caminhar ou falar. Em seu afã de manter-se em um ambiente relativamente seguro após sair do conforto do útero da mãe, ele parte para o apelo visual dos indivíduos, e parecer-se com seus pais ajuda bastante neste processo.

Quanto ele crescer (especialmente se não ingressar em uma universidade federal), há boas chances de que ele venha a perceber, como resultado de suas interações e relacionamentos, que julgar pela cor da pele não é um bom parâmetro para afirmar se vale a pena ser amigo de fulano ou beltrano. Thomas Sowell, para quem não sabe, é negro; [Thomas Piketty](#), a seu turno, é branco; donde se conclui que só mesmo um bebê (ou marxistas dotados de inteligência similar) para achar que o segundo é melhor economista que o primeiro julgando apenas pela fenótipo.

É interessante notar: esta turba “progressista” repete *ad nauseam* que infratores “menores de idade” não podem ser responsabilizados por seus atos. Será que vão querer prender por racismo recém-nascidos agora? Acho que é contradição demais para a cabecinha deles; melhor correrem em disparada para o *safe space*.

Este tipo de disparate travestido de ciência vem somar-se a outros fatores (entre eles o prolongamento da fase de juventude por tempo indeterminado, a crescente secularização no Ocidente, a quebra da hierarquia familiar e a excessiva intervenção estatal nas relações familiares) que, combinados, reduzem o ânimo de ter filhos e insuflam o medo de criá-los – fenômeno generalizado facilmente observável hodiernamente.

Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/bebes-racistas-absurdo-da-esquerda-psicopata/>

O trecho acima foi é a continuação da postagem *Bebês racistas: o absurdo da esquerda psicopata*. Nesse trecho, o argumento do autor solidifica-se em torno de provar que não existe racismo dentro das instituições/empresas sob o regime capitalista. Segundo a postagem, o racismo não existe porque ele não gera lucro. As pessoas são contratadas somente pela competência e basear-se em cor significa um atraso econômico. O segundo argumento presente na postagem afirma que uma pessoa é racista porque ela é doutrinada pela esquerda dentro das universidades federais. Esse argumento é complementado pela defesa da menor idade penal (16 anos) e de que essa doutrinação esquerdista instaura o

medo de ter e criar filhos. A postagem conclui-se com a apresentação da ideia de que o medo de criar e ter filhos é somado a popularização das seguintes ideias (quebra da hierarquia familiar, interferência do estado nas famílias e a secularização). Algumas mensagens sublimares encontram-se presentes na postagem. Falar que bebês podem ser racistas é travestir a ciência, ou seja, o que a esquerda chama de ciência, na verdade é uma espécie de doutrinação ideológica.

Analisando a postagem, partindo pelo polo da polidez linguística, temos as seguintes estratégias de (im) polidez; 3 - **Use marcadores de identidade e grupo no discurso**. Podemos perceber isso nos seguintes trechos “Essa turma progressista”, “é demais para a cabecinha deles”. Ambas as frases marcam a identidade e o discurso de “esquerda”. A estratégia 33. **Seja irônico** apesar de ser bem mais notada e demarcada na linguagem verbal, está presente em quase toda a postagem em especial destaque para os seguintes trechos “[...] empresas públicas ou sem fins lucrativos podem se dar ao luxo de serem racistas sem graves consequências”, [...] especialmente se não ingressar numa universidade pública”, “será que vão querer prender bebês recém-nascidos agora?” [...] melhor correrem em disparada para o safe space” e por último encontra-se ainda vestígios da estratégia 38 - **Generalize** que se encontra em quase toda a postagem destacando-se os seguintes trechos “a maioria das empresas”, “totalmente diversos”, “tudo em nome” e “fenômeno generalizado facilmente observável”.

A principal e talvez mais importante representação do racismo contida nesta postagem é a tese “Racismo não existe”. O autor da postagem gira toda a sua argumentação em torno disso e sua estratégia para afirmar que não é racista é dizer que ele não existe. Para tanto, ele culpabiliza a esquerda pela invenção do mesmo e por conseguinte, as universidades federais. Sob o pretexto de defender os bebês indefesos de serem atacados pela esquerda, ele usa uma tese que seria a segunda representação do racismo mais presente em sua postagem “o racismo é culpa dos negros”. Essa tese é defendida nos trechos em que o autor da postagem exalta as empresas privadas que não são racistas pelo simples fato de não ser lucrativo. Sob a égide da defesa da boa moral e dos bons costumes, aparecem ainda a representação “Personagem x é um exemplo de negro de verdade” ao se comentar sobre a figura de Thomas Piketty, essa representação é acompanhada com a apropriação e caricaturalização da figura do “negro”. Ribeiro (2019) afirma que a lógica do racismo é econômica. O critério da competência e qualificação profissional é aplicado na medida que se todos os candidatos tiverem igual qualificação dar-se a preferência aos brancos. Da mesma forma que poucos negros tem

educação superior no Brasil ¹². A população negra ainda sofre para ter as mesmas condições de estudo e trabalho em relação a população branca. Afirmar que o racismo não é lucrativo para o capitalismo é uma forma de ser racista de maneira polida dando crédito ao que Munanga (1999) chama de mestiçagem ou racismo à brasileira.

Destacamos ainda nesta postagem, o desmerecimento da ciência e das universidades federais como distorçoras da verdade. Segundo a postagem, o bebê terá seus critérios sociais e de relacionamento baseados na etnia se entrar numa universidade federal. O que reforça a ideia de que o racismo é criado e alimentado pela ciência e pelos próprios negros. Na postagem que será analisada logo abaixo vamos ver como a culpabilização do negro pelo racismo pode ser apresentada em estratégias ainda mais sutis.

Post 3 - (ANEXO 3) Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul
Quantidade de comentários: 0
Curtidas: 180
Data da postagem: 23 de outubro de 2018
Endereço:<https://voltemosadireita.com.br/admita-voce-so-nao-gosta-de-trump-para-parecer-descolado-com-os-amigos-da-facul/>

¹² Dados do Censo de Educação Superior 2019 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgados no mês passado, mostram que o Brasil tem mais de 8,6 milhões de pessoas matriculadas em instituições de ensino superior, mas apenas 613 mil se declararam pretas, o que corresponde a 7,12% do total. Para saber mais acesse: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/11/4886108-mesmo-com-aumento-presenca-negra-no-ensino-superior-ainda-e-minoria.html>.

Figura 17 - Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul

Por uma coincidência com precisão cirúrgica, são exatamente os termos com que um dos lados do espectro político, aquele mais em voga, acusa simplesmente *tudo* do outro lado. Uma pergunta simples pode ser reveladora: que concorrente de Hillary Clinton ou qualquer Democrata NÃO seria chamado precisamente pelas mesmas pechas?

Não se trata, evidentemente, de algo na política de Donald Trump. Em sua visão sobre o combate ao terrorismo. Sobre a OTAN. Sobre os empregos, os salários, a segurança, a economia, a visão de juízes para a Suprema Corte (fato que pode determinar a jurisprudência e eleições americanas pelas próximas três décadas), sobre sua visão para a educação, a saúde, o crescimento.

Nada disso tem nada de fascista – nenhum sinal de Estado total e militarismo exacerbado (Putin, aliás, preferia Trump *exatamente por isso*). O candidato “que odeia latinos” foi o único a visitar o México, país com população imigrante que votou em peso no republicano na Flórida, estado mais latino da América. Seu “machismo” mais explícito envolveu um comentário típico do que pessoas falam em privado, inclusive muitas mulheres (quando são pudicas como Marcela Temer, *as mesmas pessoas* reclamam da falta de palavrões). Nada comparável à [rede de pedofilia de Anthony Weiner](#), marido da principal assessora de Hillary Clinton, por exemplo, embora isso não seja falado pela mídia.

Portanto, não se odeia Donald Trump por algo em Donald Trump. Odeia-se Donald Trump pelo que se é associado ao se falar em Donald Trump. Ou, dizendo em inglês, com a força maior de uma preposição no fim da frase, *you don't hate Trump by what he is, but by what you get associated with*.

Se você não é a favor da política de *open borders*, de destruir as fronteiras dos países em prol de uma gestão transnacional (geralmente através de ONGs e a super ONG, a ONU), por burocratas não-eleitos, então você será *associado com* a “xenofobia”, o que nada tem a ver com o que você (ou Donald Trump) pensa.

Se você não é a favor do controle estatal da economia, a versão do capitalismo de Estado proposto por Hillary Clinton, para sua “igualdade de rendimentos entre homens e mulheres”, por exemplo, você também será *associado com* o machismo. Como se você espancasse toda mulher que visse pela frente e as tratasse como um cavalo e depositário de esperma.

Fonte: <https://voltemosadireita.com.br/admita-voce-so-nao-gosta-de-trump-para-parecer-descolado-com-os-amigos-da-facul/>

A postagem acima se refere as eleições de 2016 em que Donald Trump e Hilary Clinton tiveram uma disputa acirrada nas eleições para a presidência. A esta época, a polarização social associava Trump a direita e Clinton a esquerda. A postagem acima é um exemplo desta visão e a continuação da postagem já analisada anteriormente. Podemos encontrar as seguintes estratégias de (im) polidez Linguística; **Forneça ou peças razoes, Exagere e Seja Irônico.** **Forneça ou peças razoes** está contida nos

seguintes trechos “o candidato que odeia latinos foi o único a visitar o México” e “[...] votou em peso no republicano na Florida, o estado mais latino da América”. Já a estratégia **Seja Irônico** está na maior parte da postagem destacando-se os seguintes trechos [...] “acusa simplesmente tudo do outro lado” e [...] “como se você espancasse toda mulher que visse pela frente e a tratasse como um cavalo e depositário de esperma”. Por fim, podemos ver exemplos da estratégia **Exagere** no seguinte trecho “por uma coincidência com precisão cirúrgica”.

Assim como na postagem anterior em que podemos encontrar Racismo é vitimismo e Racismo reverso, ainda encontramos as seguintes representações sobre o racismo – o Racismo é culpa dos negros e ser anti-racista é ser mimado. Para entender essa postagem, o interagente tem que compartilhar certos valores da comunidade linguística do autor da postagem. O autor da postagem argumenta que ser anti-latino é uma coisa boa, pois ele *combate a ação de burocratas não-eleitos que querem destruir as fronteiras em prol de uma ação gestão transnacional*. Levando-se em conta que parte considerável da população da América latina ou é afrodescendentes ou é negra¹³, podemos afirmar que essa postagem apresenta a tese *não gostar de Donald Trump é ser mimado ou “descolado com os amigos da facul”*. A postagem aplica a representação do racismo reverso como forma de minimizar a impolidez acometida de forma subentendida. O autor escolheu cumprir a meta social ao invés da meta ilocucionária mostrando que o racismo é estrutural. Ele perpassa as fronteiras nacionais, atingindo o ódio pelos estrangeiros (latinos) somente pelo fato do que eles supostamente representam (os afrodescendentes). No próximo tópico, iremos fazer uma comparação entre os blogs, medindo quantas estratégias de (im) polidez foram usadas em cada uma e qual a predominância das representações do racismo em ambos os blogs.

3.1 Comparando os Blogs

Fazendo uma comparação entre os blogs *Senso Incomum* e *voltemos a direta* chegamos as seguintes conclusões. O blog *senso incomum* foca em estratégia de polidez positiva e recorrem na maioria de suas postagens a representações sobre o racismo

¹³ 25%. Um em cada quatro latino-americanos se identifica como descendente de africanos (aproximadamente 133 milhões de pessoa. Para saber mais acesse: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/internacional/1561563872_895042.html.

denominada “mestiçagem ou racismo a brasileira. Essa representação parte da ideia de que não existe racismo porque somos todos iguais, isso ajuda a tornar suas postagens menos ofensivas e mais agradáveis para o público leitor. Já o blog *voltemos a direita*, apresenta tanto estratégias de polidez positiva quanto negativa. Apoia seus argumentos principalmente na apropriação cultural, ou seja, as figuras negras são deslocadas ou caricaturizadas com a presença de bastante atos ameaçadores de face que são apresentados de forma explícita, ao contrário do que ocorre no blog *senso incomum*. Neste blog, os atos ameaçadores de face são apresentados de maneira implícita. Ambos os blogs apontam que a culpa pelo racismo é da chamada “esquerda”. Essa esquerda não só inventou o racismo, como é a responsável por este ainda existir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprovação social é algo que os sujeitos desejam ao longo da vida. Buscar a aceitação e aprovação em determinado grupo ou classe é um desejo natural advindo do processo de socialização dos sujeitos. Todavia, ser cortês nem sempre é sinônimo de ser polido ou moralmente correto. Os mecanismos de descortesia são uma tentativa de minimizar o conflito, contorná-lo ou mesmo atender à necessidade de terceiros em relação a situação de conflito. As relações sociais são instâncias dinâmicas e fluídas e assumem no contexto virtual complexidades que ultrapassam a realidade off-line. Isso significa mais diversidade, a tal ponto que o polido e o impolido podem aparecer em um mesmo discurso, em que o significado é depreendido dependendo do contexto, das práticas sociais e discursivas, produtoras de significação. Discutir essas instâncias da linguagem nos ajuda a perceber que o racismo permeia essas relações estruturalmente. As representações do racismo e as estratégias de (im) polidez linguística articulam-se naturalizando os sentidos racistas que acabam contaminando os discursos dos interlocutores que se identificam como mulheres e homens (inclusive a categoria criança e pessoas com problemas cognitivos) que fazem circular as representações do que é ser negro e branco numa sociedade que ainda baseia seus parâmetros pelo passado colonial.

Neste trabalho buscamos analisar as estratégias de (im)polidez que se mostram nas representações discursivas sobre o racismo em interações virtuais presentes em blogs. Para isso, caracterizamos como as representações do racismo aparecem em interações virtuais nos blogs descrevendo as estratégias de (im)polidez com representações racistas em comunicações virtuais e expondo como ocorre a construção da face dos indivíduos ao utilizarem estratégias de (im) polidez linguística com representações do racismo em interações virtuais nos blogs. Para isso, nosso arcabouço teórico-metodológico foi delineado em dois eixos teóricos combinados. O primeiro, que envolveu a teoria da (im)polidez linguística com base nos estudos de Brown e Levinson (1987), Leech (1983) e Goffman (2012) e o segundo eixo que tratou da teoria das representações do racismo na linguagem com Kabengele Munanga (1999), Teun A. Van Dijk (2017) e Frantz Fanon (2008). Durante essa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório ao analisarmos quatro postagens dos blogs *senso incomum* e *voltemos a direita*, fazendo ao final de nossa análise uma comparação entre ambas.

Levando-se em conta, a meta comunicacional, os comentários dos usuários dos

blogs, público alvo e elementos extralinguísticos como imagens, gráficos e símbolos, conclui-se que apesar da moral e dos bons costumes que assumem as postagens impolidas, através das quais explicitamente ocorrem exposições de faces, que os atos de fala proferidos instauram ofensas contra pessoas negras, fazendo surgir conflitos nas interações por meio de atos de fala polidos e impolidos, proferidos por homens e mulheres, interagentes dos blogs investigados. Tais ofensas, constituem e são constituídas em modos de naturalização de representações racistas e colonizadoras de populações afrodescentes, as quais reafirmam modos hegemônicos de ser “branco” e “negro. As estratégias analisadas, além de modalizarem o tom de ofensa dos atos impolidos, permeiam a representação de que não existe racismo no Brasil, ao qual muitas postagens associavam com o avanço do capitalismo, da política, da indústria e em última instância da sociedade. Quando se afirmava existir o racismo, a contra-argumentação girava em torno de culpabilizar “a esquerda” ou os “próprios negros” que instauraram tão preconceito étnico já ultrapassado. Isso revela que o racismo ainda é uma instância estruturante da nossa sociedade.

Para chegar a essa conclusão, partimos das seguintes questões de pesquisa; Quais são as estratégias em interações virtuais nos blogs? Como as representações do racismo se manifestam discursivamente em interações virtuais em blogs de direita? e Como é construída a face dos indivíduos quando utilizam estratégias de (im) polidez com representações do racismo em interações virtuais? Para responder tais perguntas partimos das seguintes hipóteses.

1° - As representações sobre o racismo se manifestam por meio dos estereótipos sobre a população negra que circulam sobre o léxico da língua portuguesa. Esse léxico é composto por piadas e anedotas racistas associadas a cor e a suposta ancestralidade africana, a associação do negro(a) ao primitivo e a religiosidade africana, bem como a sexualização dos corpos negros principalmente femininos.

2° - Elas se manifestam por meio da negação do racismo, a posituação da raça negra, a esteriotipização da raça negra, a culpabilização dos negros e o humor negro.

3° - Os indivíduos constroem sua face através da preservação de suas fachadas ao utilizar estratégias de (im) polidez linguística para parecer menos racistas ou anti-racistas e assim demonstrar uma boa imagem de si perante os demais membros numa interação

social.

Diante de tais questões de pesquisa e de tais hipóteses, consideramos que as hipóteses desta pesquisa estão parcialmente confirmadas. No corpus analisado não aparecem indícios de positividade de humor negro (piadas racistas) como forma de estratégia de (im) polidez. A boa imagem de si ao qual os interactantes nos blogs tentam demonstrar está baseado na valorização da “boa moral e dos bons costumes” traduzido num profundo ódio ao que denominam de “esquerda”. Todavia, essa boa imagem não é universal, portanto, esse quesito na hipótese também foi refutado. As demais hipóteses e quesitos pressupostos nesta pesquisa foram considerados confirmados.

Afirmamos como resultado dessa pesquisa que as estratégias de (im) polidez linguística se fomentam nas representações sobre o racismo nas interações dos blogs, definindo os critérios de sermos polidos ou não numa interação social, como também mecanismos ideológicos que utilizamos para preservar as fachadas (nossa e/ou dos outros). Entender como esses processos se dão na dinâmica das relações verbais e como atribuem um caráter extremamente discriminatório, inclusive nos ambientes informais de fala, nos ajudará a construir um suleamento dos conhecimentos em linguagem e integração, ao abordamos um tema longe dos centros brancos/europeus de produção de conhecimento (LABORNE, 2014).

Reforçamos ainda a importância de se estudar as relações raciais nos meios da web e dentro da linguística junto ao blog enquanto veículo de mídia. Esse tipo de objeto de estudo promove o combate ao racismo e a penalização pelo mesmo, visto que racismo é crime¹⁴. Além disso, ajudar a desmistificar o caráter de impunidade que circula na web, sobretudo em relação a discriminação. Verificar e expor os recursos linguísticos que afirmam o racismo velado à brasileira muitas vezes despercebido em vocabulários de blogs amplia as pesquisas realizadas com textos na web, sobretudo com blogs. Essa pesquisa também promoveu durante o seu curso o combate ao racismo na linguagem ao revelar quais estratégias seriam usadas para diminuir o potencial ofensivo de falas racistas, desvelando os seus mecanismos de perpetuação.

¹⁴ A Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º inciso XLII, determina que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito de reclusão nos termos da lei. Para saber mais acesse: https://racismoinstitucional.geledes.org.br/legislacao-sobre-discriminacao-racial-no-brasil/?gclid=Cj0KCOjwub-HBhCyARIsAPctr7yKszhhbab19QEuNN-orwoMfIQmlfrGrciu5ydJp5N8jRXOLyplMRUaAlwyEALw_wcB.

Nesta pesquisa evidencia-se ainda, como o discurso racista produzido na perspectiva do branco seleciona formas e recursos linguísticos com o mesmo efeito: segregação racial. Apesar, portanto, desse corpo de pesquisas que tematizam a união temática dos estudos sobre o racismo na linguagem – e, em menor medida, os estudos da (des) cortesia – ainda consideramos que tal discussão merece ainda mais atenção e mais estofo como uma forma de dar relevância científica e social ao tema.

Dessa forma, mostrando mais mecanismos pelos quais a descortesia ocorre na linguagem utilizando-se de atos de falas racistas em blogs em destaque as correntes que estudam o racismo na linguagem – áreas como o colorismo, anti-racismo pós e neocolonial - mostrando quais estratégias e recursos linguísticos e extralinguísticos – imagens, emojis, gifs – são utilizados para promover o racismo no Brasil através nos meios de web.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Maria Fernanda Moreira. A emergência de novos gêneros textuais na era digital. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 3, n. 1B, p. 148-171, 2012.
- BARBOSA, Maria Lúcia; SEVERO, Carlos Emilio Padilla; REATEGUI, Eliseo. Mineração de padrões no gênero textual blog. **RENOTE**, v. 7, n. 3, p. 581-590, 2009.
- BENTO, Maria. Aparecida; CARONE, Iray. (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo** (2a. ed.). São Paulo: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine, **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. Ed. 2004 e 2014.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.
- CULPEPER, Jonathan. **Towards an anatomy of impoliteness**. **Journal of Pragmatics**. n.25, p. 349-367, 1996.
- DOS SANTOS ROCHA, Gabriel. **Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon**. Sankofa (São Paulo), v. 8, n. 15, p. 110-119, 2015.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**/Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. **Salvador: EDUFBA**, p. 194, 2008.
- FEITOSA, Geórgia Maria; SOARES, Paiva; Maria Elias. **Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação à distância**. Anal de congresso. III Encontro sobre Hipertexto. Belo Horizonte, 2009.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.
- FONSECA, Dagoberto José. **A Piada: discurso Sutil da exclusão: um estudo do risível no racismo à brasileira**. 1994. 307 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

- GOFFMAN, E. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GRICE, P. **Logic and conversation**. In: COLE, P, MORGAN, J. L. (Eds.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, v. 3, p.41-58, 1975.
- LABORNE, A. A. de P. **Branquitude e Colonialidade do Saber**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN, v.6. n.13, pág. 148-161. Mar/jun. 2014.
- LEECH, Geoffrey.Neil. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARTINS, Adriana Regina Dantas. **A violência linguística virtual contra a mulher: ideologia e estratégias de (im) polidez em blogs**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística Aplicada, Programa de Pós-Graduação Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/download/dissertacoes-por-turma-2011-a-2019/>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*; trad. **Regis Barbosa e Flávio**, 1985.
- MOITA LOPES, Luiz. Paulo da. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOREIRA, Reginaldo Gurgel. **(Des)cortesia linguística na nova pragmática e a problemática da intencionalidade nos atos de fala violentos na publicidade brasileira: quem é o responsável?** 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O__REGINALDO-GURGEL_.pdf. Acesso em: 08 ago. 2020.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.
- PAIVA, G. M. F et. al. **Introdução aos estudos da (Im) polidez linguística**. Fortaleza: Centro Comunitário Estácio do Ceará – Estácio Fic, 2016/2019. 170 p.
- PAIVA, Geórgia Maria Feitosa e. **A polidez linguística em sala de bate papo na internet**. 2008. 294 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística,

Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5879/1/2008_dis_gmfpaiiva.pdf. Acesso em: 08 ago. 2020.

PEIXOTO, Maria Eduarda Gonçalves; DOS SANTOS, Letícia Adriana Pires Ferreira. **Polidez linguística e antagonismo social no escândalo político: construindo a face do inimigo nos “Novos Alopados”**. *Revista Língua & Literatura*, v. 15, n. 25, p. 327-352, 2013.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Autêntica, 2000.

PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. **Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil**, p. 97-126, 2009. PIZA, Edith. **Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu**. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, p. 97 a 125, 2009.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Comunidades de blogs e espaços conversacionais**. *Prisma.com*, v. 3, p. 1-15, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna – teoria social crítica na era**

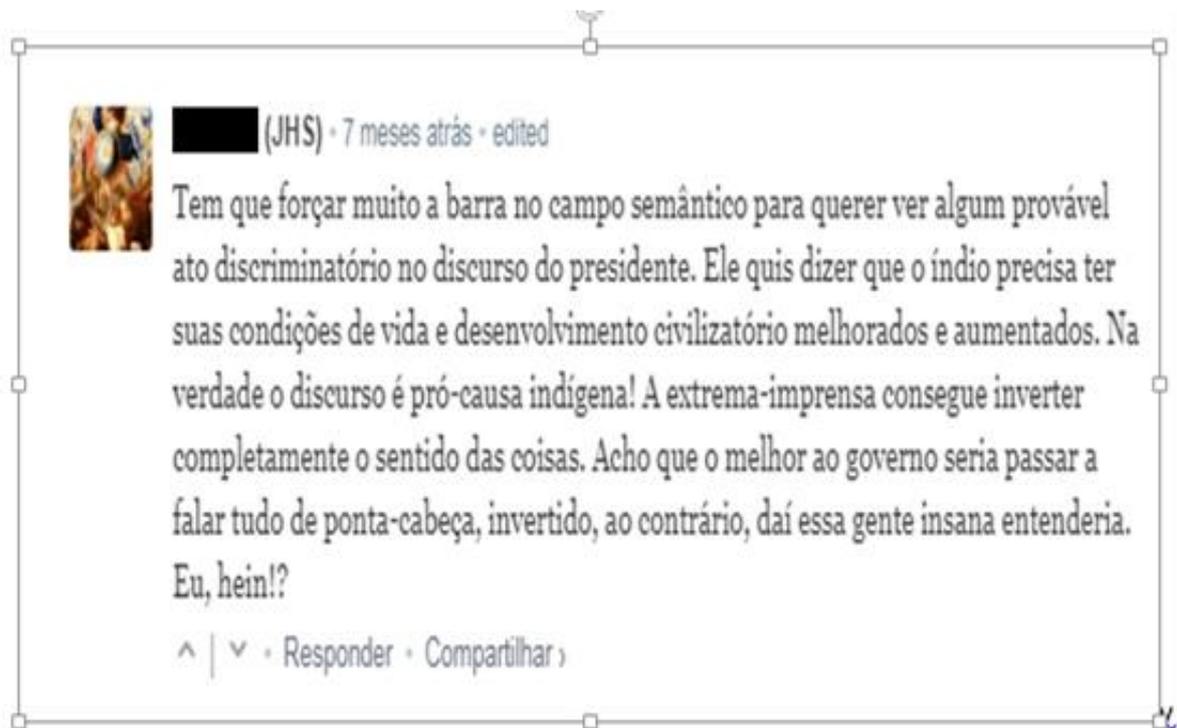
VAN DIJK. T. A. **Discurso e Racismo**. In: DUK. Teun. A. Van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, , 2017, p.. 133-154, 2017.

VAN DIJK. T. A. O discurso e a negação do Racismo. In: DUK. Teun. A. Van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 155-196, 2017.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ANEXOS

ANEXOS



Consciência Negra: A esquerda, seus assassinos e o preconceito racial

🕒 5 anos ago · Jakson Miranda



Ao impor, por força de lei o dia da “*consciência negra*”, a esquerda radical ou não, presta-se a celebrar, não a luta pelo fim da escravidão, não a luta contra o preconceito. A celebração que se busca fazer anualmente, no dia 20 de novembro, é enaltecer os feitos de um assassino e tirano.

A Lei 12.519, de 10 de novembro de 2011, institui o dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Zumbi dos Palmares tinha escravos e capitães-do-mato a seu serviço. Zumbi dos Palmares, não somente assassinou seu tio, mas também, assassinava qualquer negro que tentava fugir do seu quilombo.

Homenagear assassinos, esconder seus crimes para que sejam vistos como grandes líderes e heróis, é algo que a esquerda comunista faz com maestria, e Zumbi dos Palmares é um exemplo inequívoco disso. Assim como Che Guevara, Mao, Fidel Castro, etc.

De forma antidemocrática e anti-Institucional, criou-se o dia da “*consciência negra*”. Antidemocrático porque vai contra a ideia de que todos são iguais perante a sociedade e as leis. Anti-Institucional porque, sendo o preconceito crime, fomenta, ano a ano, a divisão e o ódio de cor.

Como resta evidente, o dia da “*consciência negra*” em nada combate o preconceito, antes, o reforça.

Nas escolas de São Paulo e Brasil afora, o modelo de negro ideal, a ser enaltecido e festejado, é, repito, um assassino, escravagista e tirano, enquanto que deliberadamente ou não, esquece-se que um dos maiores expoentes da nossa literatura, senão o maior, Machado de Assis, era negro, neto de escravos alforriados e por seu trabalho, talento e dedicação, alcançou fama e sucesso, sendo aclamado, ainda em vida, por negros, mulatos e brancos.

Zumbi dos Palmares é estudado nas escolas. Machado de Assis, não. Zumbi, é o revolucionário. Machado de Assis, não. E assim, caminhamos para um profundo emburrecimento de jovens que nada mais fazem do que criar uma pseudo “*consciência*” que só serve para invadir escolas e aceitar qualquer porcaria como manifestação cultural, porque pobre, porque da periferia, porque negro.



31 de agosto de 2016 às 07:45

Muito bom artigo. Concordo com tudo que foi dito. Mas fiquei com dúvida no termo “anti-inconstitucional”, onde acredito que o correto seria remover o “anti”. Favor avaliar. Abraço!

Responder



31 de agosto de 2016 às 13:53

Boa tarde, Murilo. Obrigado pela leitura e pelo oportuno comentário. Aceitamos e faremos a alteração.

Assine nossa newsletter e receba nossos artigos em seu e-mail.

Abraço,

Jakson

Responder

À medida que os Estados Unidos consolidaram-se como nação, também a maioria das empresas amadureceu a ponto de conseguir selecionar seus trabalhadores com base em critérios totalmente diversos daquela análise simplista fundada na etnia. Atualmente, os departamentos de recursos humanos de grandes corporações conseguem traçar um perfil completo de cada candidato, a fim de constatar qual deles apresenta maior potencial para determinada atividade, deixando de lado, destarte, a questão étnica.

Tudo em nome de maximizar os lucros e reduzir os prejuízos, por óbvio. Estes são os estímulos que levam um patrão machista a contratar uma mulher competente no lugar de um homem relapso, por exemplo. Em decorrência, empresas públicas ou organizações sem fins lucrativos, as quais não possuem tais estímulos, podem “se dar ao luxo” de serem racistas sem graves consequências.

Direcionando tal lógica ao bebê: é claro que ele não é capaz de discernir entre pessoas boas e ruins quando ainda sequer consegue caminhar ou falar. Em seu afã de manter-se em um ambiente relativamente seguro após sair do conforto do útero da mãe, ele parte para o apelo visual dos indivíduos, e parecer-se com seus pais ajuda bastante neste processo.

Quanto ele crescer (especialmente se não ingressar em uma universidade federal), há boas chances de que ele venha a perceber, como resultado de suas interações e relacionamentos, que julgar pela cor da pele não é um bom parâmetro para afirmar se vale a pena ser amigo de fulano ou beltrano. Thomas Sowell, para quem não sabe, é negro; [Thomas Piketty](#), a seu turno, é branco; donde se conclui que só mesmo um bebê (ou marxistas dotados de inteligência similar) para achar que o segundo é melhor economista que o primeiro julgando apenas pela fenótipo.

É interessante notar: esta turba “progressista” repete *ad nauseam* que infratores “menores de idade” não podem ser responsabilizados por seus atos. Será que vão querer prender por racismo recém-nascidos agora? Acho que é contradição demais para a cabecinha deles; melhor correrem em disparada para o *safe space*.

Este tipo de disparate travestido de ciência vem somar-se a outros fatores (entre eles o prolongamento da fase de juventude por tempo indeterminado, a crescente secularização no Ocidente, a quebra da hierarquia familiar e a excessiva intervenção estatal nas relações familiares) que, combinados, reduzem o ânimo de ter filhos e insuflam o medo de criá-los – fenômeno generalizado facilmente observável hodiernamente.

Por uma coincidência com precisão cirúrgica, são exatamente os termos com que um dos lados do espectro político, aquele mais em voga, acusa simplesmente *tudo* do outro lado. Uma pergunta simples pode ser reveladora: que concorrente de Hillary Clinton ou qualquer Democrata NÃO seria chamado precisamente pelas mesmas pechas?

Não se trata, evidentemente, de algo na *política* de Donald Trump. Em sua visão sobre o combate ao terrorismo. Sobre a OTAN. Sobre os empregos, os salários, a segurança, a economia, a visão de juízes para a Suprema Corte (fato que pode determinar a jurisprudência e eleições americanas pelas próximas três décadas), sobre sua visão para a educação, a saúde, o crescimento.

Nada disso tem nada de fascista – nenhum sinal de Estado total e militarismo exacerbado (Putin, aliás, preferia Trump *exatamente por isso*). O candidato “que odeia latinos” foi o único a visitar o México, país com população imigrante que votou em peso no republicano na Flórida, estado mais latino da América. Seu “machismo” mais explícito envolveu um comentário típico do que pessoas falam em privado, inclusive muitas mulheres (quando são pudicas como Marcela Temer, *as mesmas pessoas* reclamam da falta de palavrões). Nada comparável à [rede de pedofilia de Anthony Weiner](#), marido da principal assessora de Hillary Clinton, por exemplo, embora isso não seja falado pela mídia.

Portanto, não se odeia Donald Trump por algo em Donald Trump. Odeia-se Donald Trump pelo que *se é associado* ao se falar em Donald Trump. Ou, dizendo em inglês, com a força maior de uma preposição no fim da frase, *you don't hate Trump by what he is, but by what you get associated with*.

Se você não é a favor da política de *open borders*, de destruir as fronteiras dos países em prol de uma gestão transnacional (geralmente através de ONGs e a super ONG, a ONU), por burocratas não-eleitos, então você será *associado com* a “xenofobia”, o que nada tem a ver com o que você (ou Donald Trump) pensa.

Se você não é a favor do controle estatal da economia, a versão do capitalismo de Estado proposto por Hillary Clinton, para sua “igualdade de rendimentos entre homens e mulheres”, por exemplo, você também será *associado com* o machismo. Como se você espancasse toda mulher que visse pela frente e a tratasse como um cavalo e depositário de esperma.

3 thoughts on “Consciência Negra: A esquerda, seus assassinos e o preconceito racial”



Murilo disse:

31 de agosto de 2016 às 07:45

Muito bom artigo. Concordo com tudo que foi dito. Mas fiquei com dúvida no termo “anti-inconstitucional”, onde acredito que o correto seria remover o “anti”. Favor avaliar. Abraço!

Responder



Jakson Miranda disse:

31 de agosto de 2016 às 13:53

Boa tarde, Murilo. Obrigado pela leitura e pelo oportuno comentário. Aceitamos e faremos a alteração.

Assine nossa newsletter e receba nossos artigos em seu e-mail.

Abraço,
Jakson

Responder



POUPOUL disse:

6 de novembro de 2018 às 11:03

Obrigado pela informação. Muito útil! Aconselho-o a verificar o website <http://calendario-feriados-brasil.com.br/quantos-feriados/consciencia-negra/> para mais informações sobre o dia da consciencia negra

Responder

Intelectual de esquerda Política

Admita: você só não gosta de Trump para parecer descolado com os amigos da facul

🕒 4 anos ago Renan Alves da Cruz



Artigo de Flávio Morgenstern, publicado no [Senso Incomum](#):

Hillary Clinton tinha preferência sobre Donald Trump em todos os países do mundo, exceto a Rússia. Por que Donald Trump é uma figura tão detestada? Pergunte para um transeunte aleatório, e qualquer pessoa é capaz de apostar que a resposta envolverá as palavras racismo, machismo, homofobia, xenofobia, preconceito e suas variantes. Sua retórica é agressiva. Ele é grosseiro e politicamente incorreto.

Por uma coincidência com precisão cirúrgica, são exatamente os termos com que um dos lados do espectro político, aquele mais em voga, acusa simplesmente *tudo* do outro lado. Uma pergunta simples pode ser reveladora: que concorrente de Hillary Clinton ou qualquer Democrata NÃO seria chamado precisamente pelas mesmas pechas?

Não se trata, evidentemente, de algo na política de Donald Trump. Em sua visão sobre o combate ao terrorismo. Sobre a OTAN. Sobre os empregos, os salários, a segurança, a economia, a visão de juízes para a Suprema Corte (fato que pode determinar a jurisprudência e eleições americanas pelas próximas três décadas), sobre sua visão para a educação, a saúde, o crescimento.

Nada disso tem nada de fascista – nenhum sinal de Estado total e militarismo exacerbado (Putin, aliás, preferia Trump *exatamente por isso*). O candidato “que odeia latinos” foi o único a visitar o México, país com população imigrante que votou em peso no republicano na Flórida, estado mais latino da América. Seu “machismo” mais explícito envolveu um comentário típico do que pessoas falam em privado, inclusive muitas mulheres (quando são pudicas como Marcela Temer, *as mesmas pessoas reclamam da falta de palavrões*). Nada comparável à [rede de pedofilia de Anthony Weiner](#), marido da principal assessora de Hillary Clinton, por exemplo, embora isso não seja falado pela mídia.

Portanto, não se odeia Donald Trump por algo em Donald Trump. Odeia-se Donald Trump pelo que se é *associado* ao se falar em Donald Trump. Ou, dizendo em inglês, com a força maior de uma preposição no fim da frase, *you don't hate Trump by what he is, but by what you get associated with*.

Se você não é a favor da política de *open borders*, de destruir as fronteiras dos países em prol de uma gestão transnacional (geralmente através de ONGs e a super ONG, a ONU), por burocratas não-eleitos, então você será *associado com* a “xenofobia”, o que nada tem a ver com o que você (ou Donald Trump) pensa.

Política

Bebês racistas? Conheça o novo absurdo da esquerda psicopata

🕒 3 anos ago Renan Alves da Cruz

